

PATKULL  
Gonçalves Dias

PERSONAGENS:

PATKULL, *gentil-homem da Livônia.*  
PAIKEL, *alquimista.*  
NAMRY ROMHOR, *noiva de Patkull.*  
BERTHA, *namorada de Paikel.*  
WOLF, *pajem.*  
UM CRIADO

ATO PRIMEIRO

*Uma sala em casa de Namry Romhor – uma porta no fundo – portas laterais –  
móveis da época.*

CENA I

*NAMRY ROMHOR senta a ao pé de uma mesa e BERTHA*

NAMRY – Que horas são, Bertha?

BERTHA – Ainda há pouco anoiteceu, minha senhora.

NAMRY – Ainda há pouco! Pesado e triste corre agora o tempo, como um velho enfermo e lento! *(Pausa)* Chove?

BERTHA – Não, minha senhora, não; neva somente. *(Chegando-se à janela e correndo pouco a cortina)* Se quisésseis chegar a esta janela, veríeis que majestoso espetáculo é prolongar os olhos por esta planície, que se estende a perder de vista, toda prateada, e luzindo um pouco com a luz pálida e vacilante da lua... tão belo... que prazer não é ver estes flocos de neve que vêm descendo sobre a terra e lento e lento ! quereis vir, senhora?

NAMRY *(Como falando consigo)* – Houve tempo em que a vida também para mim corria fagueira e leve. Minhas noites eram cheias de sonhos de inocência e de ventura... Meus dias tranquilos e felizes. – Nada mais desejava – ou brisa ou tempestade sempre acharam meu coração venturoso e o prazer que se me ria nos lábios! E hoje?!... Quem me dera ver-me longe deste céu tristonho – destas nuvens carregadas – desta atmosfera de mau agouro.

BERTHA – Perdoai, Senhora – mas eu pensava que em parte nenhuma seria melhor a vida que na terra, em que a provamos. Tem encantos a terra, onde na infância gravamos passos mal seguros – têm encantos os sítios, que nos recordam dias mais felizes, que todos nós gozamos – rico ou pobre – : o céu que nossos olhos primeiro encontraram; o sol que nos afagou no berço, como olho vigilante de mãe; e a língua que nós falamos e que outra língua nunca pode suprir!

NAMRY – Assim pensei, Bertha, assim pensei, e quem então me dissesse que este seria o meu desejo de hoje, certo que em mim não acharia crédito. Mas eu já tenho sobejos motivos para ser triste, para mais os desejar. Queria alguma coisa que me distraísse! Queria ver essa terra tão antiga, e que mais que as outras, dizem bela, onde reina contínua primavera, onde o céu rutila sempre grande, onde a noite equivale aos nossos dias! Queria ver essa terra! Nápoles, a cidade afortunada, com seu vulcão fumegando noite e dia; com seu golfo tão risonho e pitoresco; Veneza, a cidade de encantos e prodígios, onde de contínuo se escuta ao longe o triste cantar dos gon-

doleiros, e a barca que passa silenciosamente com o seu fanal na proa, e o mascara de traje oriental, que se perde na arcadaria de um palácio inabitado; talvez que então pensasse menos sobre mim, Bertha; e seria ainda uma fortuna.

BERTHA – Sois infeliz?!

NAMRY – Infeliz?! Vês tu que daria meus títulos de não sei quantos avós – meu ducado que vale um reino – minhas terras, minhas jóias – meu brasão – tudo o que me cerca de adulações, de lisonjas, de galanteios – tudo – tudo – e até o meu nome, para que me chamasse simplesmente – Bertha. Foi meu nome quem me trouxe a desventura! Na tua classe não há preconceitos de nomes, de brasões; não há lei dura e inflexível da vontade de um pai severo e orgulhoso. Não há nada –, nada, absolutamente nada: porque são menos os preconceitos quanto mais se aproximam da terra, e alguns palmos abaixo nem uns!

BERTHA – Mal pecado que já fiz tão negra experiência e não desci de tão alto. Crede-me, Senhora – amargo é o pão do infortúnio e da sujeição. É viver para os outros e não para si. Não é de mim que eu falo – amável para com todos muito mais o foste para comigo – e tanto que mais lágrimas me fez derramar a vossa bondade, que meu infortúnio. Mas sofrer insulto e repreensões, sempre curvada e humilhada aos pés do mais rico. – Sempre de um para outro senhor – sem esperanças de melhor sorte, nem minguadas – nem ao longe – muito ao longe – no extremo de uma vida de espinhos e de sofrer – oh! que é uma vida bem triste esta assim vivida!

NAMRY – Também tu, Bertha? (*Refletindo um pouco*) Vem cá – senta-te bem perto de mim... Estimo saber que és infiel, Bertha; por egoísmo? Que importa? Todo este bulício de prazer e de alegria me pesa no coração – todo este arruído de passos, de vozes, todos estes cantos de amor e de esperanças, me desesperam porque já não tenho amor nem esperanças! Não me interrompas... aflige-me tudo isto que me cerca, que me parece respirar ledice e contentamento; e eu só no meio de tudo isto?! Estimo saber que és infeliz. – Eu precisava de alguém que me pudesse compreender: preciso desabafar o que trago no coração, e que me tortura todos os momentos da vida. – Felizmente que te encontrei!

Contar-me-ás tuas penas e eu te confiarei as minhas. – Ao menos no infortúnio seremos irmãs.

BERTHA (*Com a mão sobre o coração*) – É meu segredo; não me pode livrar dos desgostos por que tenho passado, mas pode poupar os novos.

NAMRY – Não tens ainda em mim bastante confiança?! É que tu não sabes o que é guardar um segredo no mais fundo da alma. Um segredo que é o pensamento de todos os dias, de todos os instantes, que nos prende alma e coração – que nos mina e consome a existência, que nos esmaga e a martiriza. Falarei eu, Bertha; falarei; – porque tenho necessidade de dizer o que encerra o meu pobre coração – falarei, porque preciso de um peito sobre que possa derramar as lágrimas, que já não posso sorver. Escuta-me. Outra que não fosse eu daria graças à sua boa estrela por lhe ter deparado com o amor de Patkull. – É um homem patriota e nobre. Os reis se calaram na sua presença porque a sua voz era de verdade e consciência. Seus inimigos o temeram na guerra, porque o seu braço era de ferro e sua vontade inflexível. – Os seus compatriotas o adoram porque sacrificou por eles seus bens que um rei invejaria e o seu futuro, que prometia ser tão brilhante. E no exílio, na pobreza imerecida, no meio de quanto aviltamento lhe podia arremessar a Suécia, sempre se ouviu a sua voz que chamava os seus patrícios à liberdade, mais forte que a destruição de reinos e monarquias – do que o barulho das armas de Carlos XII – Pedro I e do rei Augusto. E este homem trocou tudo por mim. Meu pai, a quem ele mais que uma vez salvou a vida no meio dos combates me pediu no seu leito de morte que lhe pagasse esta dívida de reconhecimento e de amizade. E eu

prometi, Bertha; prometi porque já tinha dado bastantes desgostos a meu pobre pai, para lhe negar este último pedido ao despedir-se da vida – porque não queria que o pobre velho saísse do mundo desesperado, com a maldição a esvoaçar nos lábios quando ele julgava granjear-me um nome e um apoio...

E no entanto eu nunca amei este homem, que tanto me ama. Seus extremos me enfastiam; e na minha consciência sinto de lhe não poder dar amor em troca de amor tamanho. *(Baixo)*

– Eu amo a outrem Bertha: a outrem com quem vivi os primeiros anos da minha vida, a outrem com quem troquei amor e juramentos, a outrem com quem talvez me não casasse ainda não havendo estes impedimentos, porque meu pai lhe negou a minha mão, e o chamou de cara um cavaleiro que deslustrava a sua nobreza com essa arte diabólica de Alquimia. E ele calou-se – Paikel...

BERTHA *(Indo para se levantar)* – Paikel?!

NAMRY *(Como admirada)* – Paikel, sim, conheces-lo?... *(Encarando-a)*

BERTHA *(Sentando-se)* – Nada; não, minha senhora; parecia-me que já tinha ouvido pronunciar esse nome; não sei por que me vem ele agora à memória!

NAMRY *(Observando-a)* – Paikel calou-se. Nesse instante agradei sinceramente essa delicadeza da parte dele: julguei então generosidade o que agora me vem em dúvida de cobardia.

BERTHA – Dizem-no valente!

NAMRY – Ele desamparou-me, fugiu vergonhosamente sem mais se dar de mim!

BERTHA – Presumiu talvez que as palavras do pai não eram sem o consentimento da filha!

NAMRY – Talvez! Porém, quem tão breve se esquece de que ama – que assim a traiu, também se esquecerá e trairá o seu amigo.

BERTHA – Ele é nobre.

NAMRY *(Mais forte)* – Ele jogaria o ducado de seu pai; venderia sua irmã se a tivesse; seu brasão, se alguma coisa lhe rendesse para as consumir nas suas diabólicas experiências – é um infame!

BERTHA – É um homem honrado.

NAMRY *(Rindo-se)* – Melhor o conheces que dizias – Bertha! E bastante interessas por ele – vai – outro dia me contarás a tua história. *(Bertha sai. Olhando-a sair)* Também o ama – minha ciada, minha rival!... *(Assenta-se e fica pensativa)*

*(Entra Patkull – manso – encosta-se à cadeira em que Namry está sentada. Fica contemplando-a um pouco tristemente.)*

## CENA II

PATKULL – Sempre triste.

NAMRY *(Sobressaltada e levantando-se)* – Senhor Patkull

PATKULL – Por que me tratas tu por senhor? Entre amantes que breve serão esposos – tu – é um delicioso tratamento, que alimenta o amor e a confiança – Senta-te, Namry *(Ele também se assenta)* Vinha eu com o peito cheio de prazer e de contentamento, vinha ansioso por te ver, vinha feliz e venturoso – ao passar da tua porta – quando te vi tão triste e pensativa, também eu me entristeci contigo, e pensei que o amor de teu esposo mal supriria o deserto que teu pai te deixou no coração!

NAMRY – Meu pai era bom!

PATKULL – Nem eu te crimino o sofrimento: ele era meu amigo! senti a sua

morte como se fora a de um irmão, como se fora a morte de um pai – bem que ele me deixasse um legado a que mal se exaltariam as minhas esperanças nas minhas noites de amor e de insônia. Deixou-me a tua mão, que eu não aceitaria por certo se julgasse que a devia somente à obediência.

NAMRY – És generoso, Patkull!

PATKULL – Por que me falas tu em generosidade? Quem te pede agradecimentos? Nada faço por ti que o não deva fazer. – Olha, por vezes uma idéia de amor e de egoísmo me atravessa o pensamento. Eu quisera conhecer-te aldeã humilde e simples – só – com a tua pureza e formosura – e eu quisera ser o homem rico e poderoso por que tudo se curvasse às tuas ordens, para que te pudesse transportar para um palácio de maravilha e de encantos, para que eu fizesse da tua vida um paraíso, e da minha alma um templo para a tua alma.

NAMRY – Tens mais do que te posso merecer. Teu amor é o amor com que se adora a Deus e aos anjos; demais para uma mulher que é uma frágil criatura.

PATKULL – Não é demais para ti. – E contudo eu te amo como neste mundo se pode amar, como se ama a uma coisa pura e bela, como se ama uma flor encantadora, como se ama o azul de um céu e de um lago, como se ama o sol e as estrelas – como se ama um instrumento que se escuta no silêncio da noite – como se ama o perfume e a harmonia. Assim é que eu te amo – mais do que te posso dizer, mais do que te posso explicar – mais do que pode exprimir um pensamento, que é teu; uma pulsação do peito, que é tua. Oh! Que não possa exprimir a linguagem do coração o falar rude e franco de um soldado que só tem vivido no meio do estrépito e da carnagem, vida de movimento e de guerra. Oh! Que não possa minha alma estalar este invólucro de lodo, e trazer-me lá dos céus a expressão do que eu sinto por ti?

Namry, tu verias; então o que é o amor deste homem já maduro e sério, e que até hoje tem conservado sua alma virgem de todo amor; e de balde teu pensamento se abismaria em sondar a profundidade desse seu sentir tão ardente, de que nem ele mesmo conhece a intensidade.

NAMRY – Tu amas muito, Patkull! Esse teu amor me amedronta mais por ti que por mim.

Dizem que o pensamento do homem gravita sempre em torno de fantasmas e de ilusões.

Pensa bem, Patkull. Talvez que num dia, mesmo antes do matrimônio, se perca o colorido dessas tuas quimeras de amor; – depois dele poderás achar que a vida doméstica e prosaica é muito fria e insuficiente para uma alma sedenta de emoções, como a tua – seria de perder a razão o acordar repentinamente desse sonho; e a culpa seria tua porque foste tu quem o forjaste.

PATKULL – Como são feiticeiras essas tuas dúvidas do coração! És o amor que o comprime, e tu julgas prudência minguar-lhe a força e a intensidade. Não – não é quimera ver-te assim tão nobre e tão bela respirando melancolia e suavidade em todos os teus movimentos. Não; não é ilusão o fogo tão puro e tão expressivo que dimana dos teu olhos. Não; não é frieza que eu receio de ti. Quando te vi tão sentida e penalizada com a perda de teu pai; quando vi com quanto apego tinhas ligado tua vida à vida dele; então senti quamanha era a fonte de sensibilidade que encerravas, quão forte e enérgico devia ser o teu amor, quando o tivesses – que cedo ou tarde despontaria; foi também então que compreendi como a vida leve e graciosa escoaria nas asas do tempo, vivida a sós contigo e com o teu amor! Então amei: então compreendi que havia outra felicidade que não o arruído de um campo de batalha: outra magia numa voz de ternura, que eu ansiava, que no estrondo ou no estertor de moribundos, outra embriaguez, que não a da vitória: então compreendi a vida que até ali mal pudera decifrar: amei; e o tempo que

dantes se arrastava vagaroso e lento – hoje passa sobre mim mal apercebido e todo concentrado no amor; e a vida me parece mais radiante e mais afortunada – assim – do que vista através duma atmosfera de pó e de sangue; radiante e mais bela passada a sós contigo.

NAMRY (*Abraçando-o*) – Meu bom Patkull.

PATKULL (*Retendo-a nos braços – encara-a um pouco, como extasiado*) – Ainda há pouco que eu teria nos lábios um sorriso de compaixão e incredulidade parar aquele que me dissesse a embriaguez com que enleia os sentidos do homem um som argentino de voz, que dos ouvidos resvala ao coração, uns olhos que entornam em nossos olhos mágico fluido de amor; uns braços que nos cingem, que nos alteiam além da terra, uns peitos que fogosos contra nós palpitam. Não – tal não crera; e hoje ... sinto por ti o que se não diz no falar dos homens, no cantar dos bardos; uma coisa que na terra não tem nome, e que os anjos nos céus, entre o coro dos astros talvez modulem nas suas líras dourado, quando à Virgem-Mãe levantam incensos de louvores.

PATKULL – Assim! Chama-me sempre por meu nome: nunca o julguei tão lindo antes que a tua voz o pronunciasses. O teu... mesmo o teu – me parece despido de encantos em comparação desse nome, que me enamora, quando tu o pronuncias – Patkull?! Não – não era assim que tu dizias – Patkull!! Não – não era assim. Onde roubas tu essa harmonia, que só encontro em ti? – Onde a roubas?! (*Pensando*) Namry, às vezes me pergunto na minha consciência se não é possível que um anjo se transformasse em ser humano, conservando ainda resquícios da sua divindade, porque tu és meu bom anjo – Namry ; paz do coração encontrei a teu lado como no silêncio de uma noite puramente bela. – Então pesa-me do tempo já passado, não por feitos maus; o que fiz foi bom, foi justo; mas por te não haver conhecido, Namry – porque a flor da minha mocidade desfolhei-a eu em tropeços e barrancos, – nas intrigas de gabinete e em lutas com reis, porque pouco tempo me resta para viver, porque em um dia meus cabelos apareceram brancos como a neve, que embranquece o píncaro de um rochedo num dia – ao principiar do inverno ; porque eu me tornei velho e curvado com o peso dos anos e dos trabalhos, quando tu brilharás com todo o esplendor da tua beleza, com todo o fogo dos anos e da mocidade.

NAMRY – Estás triste, Patkull? Triste te afundaste em recordações do passado?! Meu amigo, quem de nós que elevar o sudário desse morto não encontrará debaixo dele um pesar e um desamoramento?! Quem de nós?! Temos todos nossos pesares; bem felizes quando nossos amigos o compreendem e nos podem consolar! Eu sofri muito; derramei lágrimas tristes em silêncio e no retiro; meu pesar tinha – e no peito; cansei-me de sofrer sozinha, disse-o a alguém; não achei piedade nem simpatia; mas fui sobejamente recompensada; achei uma traição – inocente porque fui eu quem a provoquei. – Breve seremos unidos, Patkull; talvez que a mulher saiba cumprir melhor os deveres de esposa, do que a amante os de namorada. Então esqueçamo-nos do que foi, o que em breve não tornará a voltar.

PATKULL – Em bem que não, voltará! Assim também se pudessem abismar no esquecimento recordações do que amargou nossa vida, a memória sempre viva do que foi, e um brado contínuo de vingança, que nos ferve na alma e não passa do pensamento. Minha vida tem sido uma luta contra o sofrimento, um contraste de miséria e de grandeza. Namry, não me recordo nem de jogos, nem de passatempos da infância, nem de parceiros de folguedos, nem de passeios à margem dum regato, ou a corrida afanosa e inocente por um prado florido entre flores e verdura atrás de uma borboleta, ou de outro inseto brilhante – de nada disto me recordo, porque nada disto desfrutei. Um dia quando me entendi, estava num lugar escuro e frio; era uma prisão de Estado; era funda a prisão, a terra lodosa e encharcada, e alguns molhos de palha. Bem alto estava

uma fresta, por onde enfiava um raio baço de sol de inverno. Ao meu lado uma mulher que seria bela em outros tempos, porém que eu via descorada e miserável com as faces fundas, e o cabelo enxovalhado e solto. Além, um homem alto – magro – pálido – com os olhos vacilantes e luzentes, o cabelo em desordem e braços cruzados. Seu rosto metia medo; às vezes uma contração nervosa lhe abalava o corpo inteiro, e tão seus cabelos se eriçavam, e caíam pouco depois como árvores que o vento curva a seu bom grado; e os dentes rangiam e batiam com força como num acesso de febre. Era horrível vê-lo assim, e contudo, tirante disso, o dirias um espectro. Esse homem doido era meu pai, essa mulher morta, minha mãe e nada mais sei deles. E eles ambos me bradam vingança porque morreram ambos de fome; e eu ainda os não vinguei! À noite, em alguma marcha forçada e silenciosa eu tenho visto essa visão, que caminha sempre diante de mim – Quando deitado na tenda – à espera da batalha, um pouco repousava – ainda via essa visão. Quando contigo, ainda me aparece a sombra de meu pai, que me pede contas do que fiz e do que poderia ter feito. Pois bem, Namry, eu direi como tu: esqueçamo-nos do que foi esqueçamo-nos de tudo, seja nossa vida o amor – sejam nossos dias instantes de ventura – vivamos sós, só nós – E quando à noite me sentires ansioso e delirante com a fronte banhada em suor, e com o peito oprimido de um horrível pesadelo – tu me chamarás, não é assim? E eu acordarei num paraíso, acordarei feliz quando vir teus olhos sobre meus olhos; e um sorriso nos teus lábios, e tua mão, que me enxuga as bagas de suor.

NAMRY – Patkull, meu amigo, por que te deixas levar destas idéias, que me aterrorizam? Por que esses pensamentos de vingança? Não estás cansado de sofrer? – Crê-me; é curta a vida para ser desperdiçada em ódios e tormentos. Patkull, teu pai mesmo que agora ressurgisse do sepulcro certo se doeria de ti – e te pedira o perdão daqueles que omaltrataram, porque se os mártires se recordam nos céus do que na terra padeceram, também se esquecem dos que fizeram padecer; Patkull – esquece-te disso.

PATKULL – Eu já te disse, minha alma é tua; são teus meus pensamentos, minha vida é tua. (*Abraçados*)

### CENA III

#### *Os mesmos e WOLF*

WOLF – Senhor Patkull?

PATKULL – Entra, Wolf – entra – que novas trazes?

WOLF – É chegado o estrangeiro que me disseses conduzisse aqui – Aqui está e vos aguarda.

PATKULL – Dize-lhe que entre. (*O pajem sai*) Namry tinha-me esquecido de te prevenir disto e contudo era essa minha intenção quando te vim falar. É um meu amigo. Diz que me traz notícias importantes, e que mas quisera comunicar em lugar seguro. – Escolhi a tua casa: porque a minha, afora este pajem, está cheia de espiões do rei Carlos.

NAMRY – Escusas pedir, quando podes mandar. – Faz o que te aprouver – Patkull

### CENA IV

*Os mesmos e PAIKEL, vestido de jornada. Patkull vai recebê-lo, Paikel e Namry páram, encarando-se.*

PATKULL – Entra, meu amigo – entra sem receios – certo que não me esperavas achar de companhia. – Entra! – Quê? Dar-se-á acaso que vos conheçais.

PAIKEL – Sim – conheço-a, porém é possível que outro tanto não aconteça à senhora Duquesa. As pessoas indiferentes usam deixar pouca impressão.

NAMRY – Bem vindo sejas, Senhor Paikel.

PATKULL – Melhor – estimo bem que a conheças, Paikel – estimo-o muito. Escusado será elogiá-la; porque quem uma vez tratou com a Duquesa de Mecklenburg conhece quão insuficientes são as palavras para a retratar. – É minha mulher, Paikel.

PAIKEL – Tua mulher?!

PATKULL – Brevemente o será, e tão boa estréia foi a tua que assistirás aos desposórios do teu amigo – dar-me-ás este prazer?

PAIKEL – Sim, sim, mas primeiro deixa-me congratular contigo pela tua boa fortuna; mais feliz do que eu; só a ti poderia eu dar parabéns duma dita que não pude gozar. *(Com intenção)* Aceitareis meus parabéns, senhora Duquesa?

NAMRY – Por que não, Senhor Paikel? De tão bom grado os destes ao vosso amigo – tão francamente lhe cedestes uma fortuna que poderia ser a vossa – dissestes que seria faltar ao reconhecimento não vê-los aceitar – mil vezes obrigada, Senhor Paikel.

PATKULL – Basta de civilidades. Paikel, serás tão amigo da esposa como o és do esposo: e certo que algumas vezes te acontecerá esquecer-te das tuas locubrações científicas e do ouro que procuras, quando topares com um verdadeiro diamante.

PAIKEL – Mas já te esqueceste que tinha de te falar?

PATKULL – Pelo contrário, lembro-me tanto que já pedi esta casa a Namry; estaremos aqui mais à nossa vontade, e como querias, longe de suspeitas.

PAIKEL – Bom será, porque é de segredo o que tenho de te comunicar; e contudo a senhora Duquesa poderá assistir à nossa prática.

NAMRY – Ainda quando eu vos pudesse ouvir, sem dúvida que tereis muito que vos dizer, depois de tantos anos de separação; assim estareis com mais franqueza. Se de alguma coisa careceres – chamarás, Patkull.

## CENAV

PATKULL *(Vê-a sair)* – É um anjo, Paikel – esta mulher é um anjo de bondade e candura.

PAIKEL – Dize antes que é uma Armida. – Aqui estás tu novo Reinaldo, no teu jardim de encantos – a descansar das fadigas da guerra no seio da moleza e da voluptuosidade. E mal pecado, que eu não tenho o espelho onde possas ver quanto caíste de tão alto que estavas.

PATKULL – Tenho eu, Paikel; tenho no coração alegria e contentamento – tenho na alma tranqüilidade e descanso – tenho amor que me embeleza todos os momentos da vida; sou feliz, e quem fosse meu amigo não me quisera ver desgraçado.

PAIKEL – É certo quanto me tinham dito!... E na minha consciência, eu que te conhecia de bem perto, apelidei calúnia quanto de ti me diziam.

PATKULL – Fizeste mal. O que há no mundo tão seguro e inabalável por que nos possamos constituir seus garantes? Não há prudente que diga: deste pão não comerei: é uma palavra de verdade, entre todas as verdades que prega o Evangelho. Há pouco tempo um rei desceu do trono ao cadafalso; e era um bom rei Carlos I. À árvore gigante que do cimo de um rochedo derrama a sombra até a profundez do vale, em alguns momentos baqueia em terra mais humilde que os bustos que a cercavam.

Que muito?

PAIKEL – Há contudo, um povo que te adora, e que pensa que o seu nome te faria estremecer na sepultura. Dize, Patkull, neste retiro – não chegaram ainda aos teus ouvidos seus sofrimentos, não retumbou um grito desesperado – não ouviste teus irmãos, que te chamavam em auxílio?

PATKULL – Que mais querem de mim? Dei por eles quarenta anos da minha vida – sacrifiquei por eles meus bens e o meu repouso. Sofri por eles o degredo e traguei o negro pão de um mendigo: derramei por eles meu sangue no campo da batalha – que mais querem de mim?

PAIKEL – Fizeste muito, Patkull, mas não tudo. Quererias tu perder quanto tens feito? Que importa se por um instante livraste o escravo da cólera de um senhor impiedoso, se o deixas na mesma escravidão, mais dura porque incitaste as iras do senhor.

PATKULL – Que façam como eu fiz.

PAIKEL – Porém tu eras só; sem família, qualquer lugar te oferecia uma pátria; qualquer distração um prazer.

Quererias tu que todos abandonássemos nossos lares, nossas terras; e só com nossas famílias e miséria, fôssemos pelo mundo como uma tribo errante de judeus, esmolando um asilo?

PATKULL – Quem quer ser livre peleja: Paikel, esqueçamo-nos deles.

PAIKEL – E eles se não esquecem de ti, Patkull. Eu vi por mais de uma vez uma livônia que mal balbuciava o nome de sua mãe, pronunciar o teu, como se fora um nome de família. Eu vi por mais de uma vez o mancebo que sofria a tortura sem lamentações, nem lágrimas, invocar o teu nome, como se fora o nome de Deus. Mais de uma vez o velho calvo de cãs venerandas e de rosto engelhado, de quem tinham recrutado a filha para o leito de um Boiardo, e o filho para vir morrer nas guerras da Polônia, pronunciar teu nome como se por si só for uma vingança. – Patkull, um homem que um povo venera tanto, é um homem grande. Mas o que despreza tantas preces, não merece tanto amor.

PATKULL – Por mais de uma vez eu chamei por eles. Chamei-os para a vitória e liberdade; disse-lhes: tereis armas e munições; forragens e mantimentos para uma – para mil campanhas; e eles ficaram frios e gelados, como se eu falasse a um cadáver. – Não me fales neles, Paikel, esse povo é um povo de cobardes.

PAIKEL – Tu mesmo o disseste: não há prudente que diga: deste pão não comerei. Tu, que eras um lidador valente, cansaste – tu que eras um bom patriota, renegaste a tua pátria, e a não teres dado tantas provas de ambas, os nossos vindouros poderiam pôr em dúvida a tua coragem e o teu patriotismo. Não fales pois de coragem e patriotismo, que mal viste experimentada.

PATKULL – E que resultaria de me empenhar de novo em coisas de mau agouro?

PAIKEL – A glória.

PATKULL – Foi a ilusão dos meus primeiros amores; e por ela sacrifiquei minha vingança, que me devera ser sagrada. Sabes tu, Paikel, o que lucrei dos meus quarenta anos, com que a julgava sobejamente recompensada – o nome do egoísta. – Assim me chamaram uma caterva de escrivinhadores que formigam em todos os tempos e por toda a parte. Disseram que se eu sofria era por amor de mim! Almas pequenas, que não compreendiam o sacrifício de um ao bem-viver de muitos: Satíricos incoerentes e absurdos que me viam pôr em desleixo meus haveres e me chamaram – egoísta! Quisesse eu permanecer tranqüilo espectador da escravidão dos meus! Pudesse cruzar os braços em vez de manejar a espada ou pena, dignidade e honras, e favores cairiam sobre mim como uma chuva de inverno. Oh! Quão diversamente me julgava meu gracioso soberano Carlos XI!

PAIKEL – E é de Carlos XI que data o teu favor no entusiasmo dos teus irmãos. Certo que toda a Livônia estremeceu, como se ainda fosse hora do seu livramento, quando te escutou conciso e forte expondo as regalias dos teus compatriotas que a

Suécia abocanhava como um povo de Ilotas. O opressor mesmo não pôde negar um bravo de entusiasmo e admiração aos 19 anos de tão leal representante.

PATKULL – E ainda se não tinha apagado o murmúrio que a minha voz fizera alevantar, quando um pregoeiro pelas ruas de Estocolmo declarava Patkull – réu de lesa-majestade condenado a ter as mãos cortadas; e o carrasco quebrava publicamente sobre um cepo meu braço tão nobre – e queimava os artigos do meu mandato tão aplaudido! E tudo isto para quê? Hoje os livônios dormem tranquilos na sua ignomínia e o fel da calúnia se derramou sobre o meu nome. Paikel, o homem pode resistir a perigos e a embaraços, porém não resiste à calúnia.

PAIKEL – O homem virtuoso geme da cegueira dos outros homens. Se a calúnia lhe enegrece uma virtude – outra virtude que responda aos gritos da sua satânica vitória. – Há uma coisa grande – Patkull – virtude – há uma coisa santa – o dever: – De ambas elas, nasce a glória que dura mais que a inveja. – E ao homem que pesa suas ações no foro da consciência – pouco se lhe deve dar do maldizer dos perversos.

PATKULL – Deixemo-nos disso, Paikel!

PAIKEL – Pelo contrário, falemos nisto!

PATKULL – Mas que queres tu que eu faça?

PAIKEL – Salva-os.

PATKULL – Salva-os?! Lindas Palavras, Paikel, lindas palavras de tragédia, que parecem dizer alguma coisa e não dizem nada – salva-os?! (*Com impaciência*) Julgasse tu algum Deus, para que ao meu aceno se faça um mundo ou rebente água de um rochedo. – Tua idade indica mais experiência, Paikel!

PAIKEL – Salva-os; porque os podes salvar.

PATKULL (*Pensativo*) – Como?

PAIKEL – E queres tu fazê-lo?!

PATKULL – Não é verdade que isto é uma simples conversação entre amigos?

PAIKEL – Um dia será pesado na balança da justiça eterna, não o bem que fizemos, mas o bem que poderíamos ter feito – Queres tu salvar teus irmãos?

PATKULL – Se a minha vida a mim só pertencesse de bom grado a dera ao primeiro que ma pedisse. De sangue e bens fui sempre largo – Mas vês tu? Eu prometi a um homem no ato mais solene da vida – o da morte – defender sua filha, que eu amo, que sem ele ficou órfã, e ficaria viúva sem mim. Dei-lhe a minha palavra de cavalheiro a ele e a ela, e deixá-la penhorada, seria justificar a sentença de Carlos XII quando mandou ao carrasco espedaçar as minhas armas em praça pública.

PAIKEL – Dou-te minha palavra que não há risco nem perigo – terás o poder de um rei: queres tu salvar teus irmãos?

PATKULL – Fala.

PAIKEL – A Dieta de Varsóvia declarou vago o trono da Polônia: e por vontade de Carlos XII elegeu rei a Jaques Sobieski a quem devia pertencer o trono, se o trono da Polônia fosse hereditário. Jaques Sobieski e o príncipe Constantino aguardavam com impaciência o mensageiro, que lhe trouxesse novas da sua eleição. Um dia, quando caçava nas vizinhanças de Breslau – saíram de emboscada 50 cavaleiros saxônicos que os prenderam. O chefe dos cavaleiros fui eu – tínhamos cavalos folgados e de muda; e assim os conduzi a Leipzig antes que em Breslau corresse a notícia de sua prisão. A Dieta não o pode declarar incapaz de reinar porque ainda ontem o elegeu – não o podem destituir, porque nem lhe podem forjar culpas. Outra Dieta poderia revogar aquela – porém a pertinácia e inflexibilidade do rei Carlos não o deixarão mudar de propósito. E o reino ficará sempre nas mãos do rei Augusto. Talvez que Augusto pretenda fazer as pazes, porque a sua Saxônia também pára nas mãos o vencedor. Fleming assim mo deu a entender; e eu o creio. O rei da Suécia tem já parte do seu acampamento dentro do

Império; presume-se que pretende destronar também a casa d'Áustria. Neste caso uma paz com a Rússia torna-se necessária; no turbilhão de tantos e tamanhos interesses a Livônia pouco avulta. Talvez por estes tratados se firme a sua liberdade, se houver um político esperto e diligente que a defenda; serás tu. – Se falhar a política – 80.000 homens cobrem as fronteiras da Livônia – poderás pôr uma contradição a Carlos XII; e será desfeito o tratado com a Rússia. E então ver-te-ás generalíssimo de Grão Czar. – 80.000 guerreiros cobrem a Polônia palmo a palmo, e se vivos não a pudermos defender, nossos cadáveres formarão uma muralha mais impenetrável que as da China.

PATKULL – Muito bem, Paikel, e agora tenho de me ir apresentar a Carlos XI como ministro da Livônia?

PAIKEL – Não; irás a Dresde ter com Augusto – como plenipotenciário do Tzar Pedro – Imperador de todas as Rússias.

PATKULL – E as provas?!

PAIKEL – Ei-las – É o diploma selado com as armas do Império, e do próprio punho do Imperador.

PATKULL – Vamos: será o derradeiro esforço! Far-me-ás tu um favor?

PAIKEL – Fala.

PATKULL – Ficarás aqui com Romhor.

PAIKEL – Patkull.

PATKULL – É um favor, meu amigo, porém que eu só de ti aceitaria.

PAIKEL – És generoso.

PATKULL – Generoso?! Tu brincas? Se o que ora vou fazer fosse por ti – seria falta de generosidade pedir como um salário do serviço não prestado, mas ainda assim eu te pediria o mesmo favor, que em iguais circunstâncias também to faria.

PAIKEL – Talvez que não!

PATKULL – Não mo queres fazer?

PAIKEL – Não te posso dizer que não; mas se houvesse outro meio...

PATKULL – Já te disse que só de ti a fiava.

PAIKEL – Fico.

PATKULL – Obrigado, meu amigo (*Tocando uma campainha. Entra um pajem*)  
Que é do meu pajem?

O PAJEM – Aqui está!

PATKULL – Dize-lhe que o chamo (*Continuando. – O pajem sai.*) Não me posso despedir dela, Paikel, que certo não partira – levo rasgado o coração por ter de a deixar, dize-lhe o porque parti – que não há perigos, que não há riscos, que breve serei dela. (*Entra Wolf*) Wolf, eu parto, não sei quando serei de volta, tu aqui ficarás.

WOLF – Por que me não levais, Senhor?

PATKULL – Fica, Wolf; para nós ambos é melhor que fiques. – Ficarás com a Senhora Duquesa, e se alguma novidade ocorrer – que me seja importante saber – algum infortúnio – alguma fatalidade – virás ter comigo a Dresde. – Traze o meu manto.

WOLF – Neva muito, Senhor; algum temporal estará próximo a rebentar porque relampeja para o norte e a noite tornou-se escura e feia.

PATKULL – Não importa, bom pajem (*O pajem sai. Ele a Paikel*) Pressinto alguma desgraça, Paikel.

PAIKEL – Não será nada: são saudades que levais, e que minguarão a distância e o nojo da jornada. (*Entra o pajem, põe o manto*)

PATKULL – Adeus Wolf – abraça teu amo. (*Wolf chega-se e ele o abraça*) Adeus Paikel. (*Estende-lhe a mão*)

PAIKEL (*Vê-o sair – fica um pouco a olhar para a porta que se tem fechado, olha para a câmara de Romhor – dá dois passos para ela apertando as mãos contra os*

peitos) E eu fico.

## ATO SEGUNDO

### PERSONAGENS

NAMRY ROMHOR  
BERTHA  
PAIKEL  
WOLF  
Um pajem

A cena se passa no Ducado de Mecklenburg

## ATO SEGUNDO

*A mesma sala que a do ato primeiro*

### CENA I

PAIKEL (*Entra*) – Ainda a não pude ver um só instante – ontem passei o dia silencioso e tristonho à espera de mensagem dela... e esperei debalde: hoje me recusou ela uma entrevista pretextando incômodo... Hei-de falar-lhe. (*Toca a campainha*) Abusar assim da confiança de um amigo, da sua cordialidade e franqueza, é uma infâmia. – Mas por que me roubou ele o coração de Namry – por que se veio interpôr no meu caminho? (*Entra o pajem*) Que me queres?

O PAJEM – Pensei que éreis vós quem chamáveis! (*Indo para sair*) Perdoai!

PAIKEL – Sim, fui eu: dize-me – poderei falar à senhora duquesa?

O PAJEM – Dizem que amanheceu doente.

PAIKEL – Quanto o ama! (*Á parte*) E tu, pajem, podes-lhe falar?

O PAJEM – Nada. Senhor, não.

PAIKEL – Quem então?

O PAJEM – A sua dama, Senhor.

PAIKEL – E ela?...!

O PAJEM – Está também doente.

PAIKEL – Por Deus que é muita moléstia num dia. Pajem, faze o que quiseres, avém-te lá como puderes – hás-de fazer chegar aos ouvidos da senhora duquesa que eu tenho que lhe dizer da parte do senhor Patkull, e que talvez daqui a uma hora já tenha partido. (*Faz-lhe sinal com a mão que saia*) Vai bem diverso o tempo de quando a todos os instantes me esperavam, apesar de estranha vigilância, Namry?! (*Entra Wolf*)

WOLF – Senhor Paikel! Senhor Paikel!

PAIKEL – Que tens tu, pajem?

WOLF – Notícias de meu amo, mandou-as ainda de caminho, e que a esta hora estaria em Desdre!

PAIKEL – Tu amas muito meu amo, Wolf!

WOLF – Ele também me ama muito!! Ainda pequeno fiquei sem pai, nem mãe; passou ele acaso por Casimir onde era meu tio carcereiro da prisão do rei. Ele viu-me e como meu tio de pouco me poderia servir, cedeu-me ao senhor Patkull que disse me havia de fazer feliz. Meu bom tio se despediu de mim chorando, porque me amava

muito o bom Sally! Depois desse tempo tenho sempre vivido com ele: se soubésseis quanto é meu amigo!! Quanto o amo...

PAIKEL – Tens razão, Wolf, ama-o muito e não terás de que te arrepender. Ele é um amigo que não traiçoa o seu amigo, sua palavra é santa e pura. Tu és novo, Wolf, na tua idade ainda há reconhecimento para um sorriso, e amor para o mimo que nos mostram. (*Entra a duquesa um pouco pálida e vagarosa* ) Vai, bom pajem, logo mais falaremos.

## CENA II *NAMRY ROMHOR e PAIKEL*

NAMRY – Mandastes-me dizer, Senhor, que tínheis recados para mim da parte do vosso amigo!

PAIKEL – E a não ser isso, não é verdade que nem sequer uma vez, vos dignaríeis de mostrar-vos ao vosso hóspede?

NAMRY – Ninguém vos mandou aceitar a sua hospedagem, Senhor.

PAIKEL – Foi a única desculpa que me não veio à mente. Patkull rir-se-ia se eu lha desse; e eu talvez que outro tanto fizesse ao sensato que a sonhasse!

NAMRY – Nem era mister que lhe désseis precisamente esta: bastava recusar. Um pretexto de negócio ou de interesse nunca falta ao homem; é um motivo que todos compreendem!

PAIKEL – Todos! Senhora!! É certo que não daríeis crédito ao homem que vos dissesse: interesse e glória tenho eu sacrificado para seguir a ilusão de um tempo que já passou, memórias de amor correspondido, sonhos ditosos da infância que o acordar dos anos dissiparam na mulher que então me amava.

NAMRY – Senhor Paikel!

PAIKEL – Quando ele vos dissesse; soube que estavas presa em novo enleio, e esta certeza não deu quebranto ao meu amor, não o acreditareis por que não é do interesse do homem o aviltar-se?

NAMRY – Sim.

PAIKEL – Não o acreditaríeis quando ele vos dissesse, sacrifiquei o meu repouso; vaguei noite e dia ao vento e à chuva – aos raios do sol e ao frio de inverno para demorar ao menos por um dia um casamento, que se ia concluir, e roubar-me para todo sempre esperanças de ventura tão mimosa que a existência me douravam!

NAMRY – Paikel!

PAIKEL – Se ele vos dissesse eu tenho um amigo; amava-o como se ele fora meu irmão, como a mim próprio: Estivesse eu a rezar sobre o túmulo de meu pai – iria para ele quando a sua voz me chamasse. Estivesse eu a morrer de fome e de sede – dar-lhe-ia o único pedaço de pão que me pudesse aliviar a fome – dar-lhe-ia a sede de água que me pudesse umedecer as fauces! Eu amava-o; e para ver a mulher que amava manchei a minha honra, e trai a amizade! Também o não acreditaríeis, porque a honra e amizade valem mais que o ouro, mais que o sangue!

NAMRY – Se Patkull vos ouvisse!!

PAIKEL – Foi por isso que o mandei para longe. Mas em troca de um momento, que seria de delícias para ele e nada mais para mim que absinto e fel, dei-lhe honras e consideração. Eu bem sabia que ele tinha no coração uma corda inteira, que vibraria a todo o momento como uma harpa vaporosa; bem sabia eu que o nome da Livônia ainda era para ele mais que um nome. Vali-me dessa virtude – e em recompensa do amor lhe dei a glória!

Há homens bem afortunados neste mundo; quando a desgraça como um céu

grávido de tempestade paira sobre eles; então lhes sorri a fortuna mais brilhante, como o raiar de um sol de primavera.

NAMRY – Por que falais assim, Senhor?

PAIKEL – Por quê?... Porque eu não sou desses homens, e no entanto pouco me bastava para o ser. Porém minhas palavras são um enigma que pareceis não compreender!... Quem o dissera!... Se algum venerável astrólogo lesse nos astros tão incrível horóscopo, certo que eu me riria da sua ciência, e deixaria o velho ausentar-se impune, condoído de tanta loucura! Hoje não me entendeis, Namry – minhas palavras ferem os vossos ouvidos como se foram um monumento de pedra, que mas repercutisse em eco; minha presença vos escandaliza; e para mim até deslembastes a polidez com que tratais a todos.

NAMRY – Quereis perder-me, Senhor?

PAIKEL – Senhor! Sempre Senhor! A pouco resumes a tua civilidade, Namry... Quero-te contar uma história. Havia um duque... não sei onde! Poderoso e nobre era o duque – cheio de altivez e de orgulho – porém severo guardador da sua palavra – um pobre cavaleiro amava a filha do duque, julgando haver na filha tanta religião de palavra, como no pai: tal não era. Amavam-se ambos! Porém de que vale o amor quando reina o interesse! Por interesse o duque negou sua filha ao cavaleiro e a filha chorou porque nesse tempo também o amava. Depois... familiarizou-se com a sua sorte; pouco a pouco abraçou as opiniões do pai – e renegou o amante, como o pai tinha rejeitado o amigo. É bem verdade o que dizeis, Senhora: o interesse é um motivo que todos compreendem!

NAMRY – Não mais – Senhor. – Promessas da infância, dita-as a imprudência – hoje o dever se opõe a elas. – Eu não vos iria pedir contas do que houvésseis feito; não mas vinde também pedir – a mim.

PAIKEL – Não vos peço contas – somente como talvez seja a última vez que nos veremos – conto-vos uma história – coisas de que me pareceis esperta – eu vos dizia, Namry, que a filha do duque e o cavaleiro se amavam. Não se tratavam como nós por Senhor: esse véu grosseiro de civilidade que não diz amor, nem gratidão porque indistintamente se confere a todos; tratavam-se por tu. A filha do duque... não me acorda o seu nome – chamá-la-emos Namry – Namry, essa moça inocente e pura, que a não acharíeis mais. O cavaleiro pensava que dificilmente a possuiria: e em um dia pensando nisto, chamava-lhe a senhora duquesa – então a pobre moça chorava e soluçava, que não havia acabar com tais soluços porque se julgava menos amada.

NAMRY – Por piedade!

PAIKEL – Como ela se enganava a si própria! Criatura inocente? Como a fé do seu coração se debateria em um caos de sombras e de trevas, se lhe dissessem então que ela um dia não compreenderia as palavras daquele de quem até adivinhava os pensamentos! Um caso mal apercebido – um volver de olhos insignificante – uma flor colhida há pouco – e lançada no meio duma leiva de flores – uma pegada simples no meio de uma alameda – tudo tinha um nome – uma significação – uma lembrança.

Acreditareis isto, Namry!

NAMRY – Quereis perder-me?

PAIKEL – Perder-vos, Senhora! Brincais comigo! Perder-vos – a mulher sisuda e grave que lançou o esquecimento sobre o passado, como se lança uma mortalha sobre as feições decompostas de um cadáver – a mulher que tem tão gravados na sua consciência seus deveres de hoje – que nem se lembra dos de ontem!... Perder-vos! Se outra pessoa me dissesse estas palavras no meio do rumor e do giro de regozijo e festa, sem dúvida que eu as aceitaria como uma delicada galanteria.

NAMRY – E no entanto tu bem vês que eu luto comigo mesma para não ceder –

Não sabes que horrível seria atraiçoar assim: eu, o esposo tão amante – tu, o amigo tão sincero.

Tem piedade de mim!

PAIKEL – E o que pediria a vítima, a quem o carrasco martirizasse a golpes de mal afiada segure? Em breve te cingirão os braços do teu esposo, e te esquecerás do malfadado que se irá por terras de estranhos com a dor no coração – e as lágrimas nos olhos. E o que pediria eu, Namry?

Ainda há pouco apareceste diante de mim com as sobrancelhas carregadas de increpações, e me endereçaste palavras de amargor e de cólera que eu duvidei por um instante, se eu era verdadeiramente Paikel – e tu verdadeiramente Namry Romhor – e se ambos nós nos tínhamos amado em outros tempos.

NAMRY – Por Deus, Paikel – que queres tu que eu faça?

PAIKEL – Nada, Namry; não quero nada. E se tu soubesses?... Quando soube que já me não amavas – quando mais não pude duvidar – fiquei estúpido e frio como uma rocha batida pelas vagas – Depois mil pensamentos remoinharam em minha alma; eu me julguei doido, e a cabeça se me estalava com dores. Quis te ver ainda uma vez, porque visse se eras tão bela como dantes, do que eu duvidava. Trazia mil coisas para te dizer – mil palavras de furor e desespero – de injúria e de insultos – e tudo se acabou quando te avistei. Se estivéssemos sós, eu me lançaria a teus pés para te pedir perdão de ter desconfiado de ti e hoje mesmo, ainda o faria se me não viesse gelar a voz nos lábios com tua voz fria e grave.

NAMRY – Meu Deus, meu Deus!

PAIKEL – Uma palavra só, e eu me retiro para sempre: Namry, por nosso amor tão formoso de outras eras – pelo amor que hoje tens se te não acordas do pobre homem que te adorava com todas as veras do seu coração, Namry, já me não amas?

NAMRY – Por que mo perguntas, Paikel?

PAIKEL – Por Deus – eu to suplico – Dize-me uma palavra só – e eu me irei, Namry; e nem mais ouvirás falar de mim se notícias minhas te importunam – não me amas?

NAMRY – Mas seria fazer-te uma confissão!

PAIKEL – E é o que te peço – livra-me desta dúvida que me esmaga o coração: Dize-me que sim ou que não – pouco será para ti dizeres uma palavra – só – nada mais que uma palavra. – porque não me posso persuadir que em tão pouco tempo te esquecesses de tudo. Livra-me desta incerteza que me endoidece – por quem és – e eu te beijarei as mãos e os pés – e o sítio em que pisas – dar-te-ei minha vida se ma pedires, e bendirei o teu nome.

NAMRY – Basta! Basta! Meu amigo. *(Abraçando-o)*

PAIKEL *(Apertando-a nos braços)* – Meu amigo!

NAMRY – Deixa-me chorar – deixa-me chorar de prazer nos teus braços, meu Paikel, custava-me tanto ver-te sofrer! *(Abraçados)*

PAIKEL – Eu bem sabia que tu eras sempre a minha Namry – e que o meu coração não me enganava. *(Ela tem a cabeça nos ombros dele)*

NAMRY – Vem gente!

PAIKEL – Não é ninguém – deixa-te estar sobre o meu coração – deixa-me ver o teu rosto – há tanto tempo que não via – precisava tanto de ti! Precisava tanto do teu amor! *(Abre-se a porta e aparece Bertha)*

### CENA III

*Paikel tem as costas para a porta da esquerda do espectador, por onde entrou Bertha – Bertha traz um véu e pára um pouco à porta. Paikel, que ficou a olhar para o sítio por*

*onde desapareceu Namry, olha repentinamente para trás – e dá com Bertha.*

*PAIKEL e BERTHA*

BERTHA – Muito sinto de vos ter surpreendido, Senhor!

PAIKEL – Como deveis saber, a casa não é minha – tendes direito de entrar nela e disto nada estranho. – Mas como agora me parece que tendes de me falar – dar-me-ia por mui feliz se em alguma coisa vos pudesse ser agradável.

BERTHA – Obrigadíssimo, Senhor – porém não vim para vos pedir favores.

PAIKEL – Não tendes que me agradecer, a não ser a minha boa vontade; e apesar de tudo ser-me-á permitido pedir-vos um favor com tanta franqueza com quanta recusaste o meu préstimo.

BERTHA – Podeis pedir, Senhor – porém desde já tende a certeza de que não vô-lo faço.

PAIKEL – E por quê, Senhora?

BERTHA – Porque nada me poderia pedir Paikel que eu lho pudesse fazer.

PAIKEL – Oh! Mas parece que já nos conhecemos.

BERTHA – Tendes tido o cuidado de escrever o vosso nome por tanto lugar imundo e sórdido, que não é muito que eu vos conheça.

PAIKEL – Perdoai, Senhora – porém para ter tido o meu nome em tais lugares – seria preciso ter-vos abaixado até eles.

BERTHA – Vós o dizeis, Senhor! (*Descobre-se*)

PAIKEL – Bertha!!!

BERTHA – Já me conheceis, Senhor? Julguei que já vos teríeis esquecido das minhas feições como já vos esquecestes da minha voz. Ora pois, agora que me conheceis – dizei-me: não é verdade que já descí bem baixo, aos mais ínfimos degraus da sociedade – aos lugares mais torpes e obscenos? Dizei-me!

PAIKEL – Que vieste aqui fazer, Bertha?

BERTHA – Essa pergunta deveria ser a minha; mas... responder-vos-ei; inquiri a vossa consciência se ainda a tendes, e ela vos dirá o que aqui vim fazer. – Pesai as vossas intenções, Senhor, e concluireis depois que por amor de vós e por amor de mim – livreí-vos de ser um infame sedutor por mais uma vez – e um amigo ingrato e refalsado, se já o não fostes.

PAIKEL – Quem te disse que eu a queria seduzir, Bertha?

BERTHA – Digo-to eu, Paikel – porque conheço-te mais a ti do que a mim própria. Digo-to eu, porque sei que o farias de bom grado sem te dares da mulher que desonravas – sem te dares, nem da sua honra, nem da tua, porque essa pobre mulher também te ama. E finalmente, Paikel, digo-to eu porque conheço os teus projetos.

PAIKEL – Bertha, sempre é bem feliz uma mulher com ser fraca, porque pode impunemente com o que lhe vem à fantasia atirar à cara de um homem, e insultá-lo como lhe apraz.

BERTHA – É o que eu disse, Paikel – é bem feliz a mulher; dize, não te parece que é bem feliz quando compra, como eu comprei, a liberdade de um homem; e quando o insulta, como ora faço? Dir-te-ei mais, Paikel, mente – quem emprega manhas e artificios para enganar a uma mulher – é um embusteiro: – e quem depois de a ter humilhado a abandona, sem se lhe dar do seu futuro é um covarde – um infame.

Oh! Como eu sou bem feliz em te poder lançar em rosto todas estas baixeiras, que fariam corar o mais vil lacaio, e que te não podem fazer subir a cor às faces!

PAIKEL – Já vejo que de propósito vieste para me insultar.

BERTHA – Já vos disse para o que vim – livrar-vos de uma infâmia e facilitar-

vos a reparação de outra.

PAIKEL – Dizei – bem vedes que estou benévolo e tranqüilo, e que ouvirei paciente de uma senhora tão polida a negra relação dos meus delitos – sentai-vos!

PAIKEL – Então falai breve – porque me arreceio de que a minha impaciência afugente a minha civilidade – e neste caso – sentiria não vos poder escutar até o fim.

BERTHA – Como quiserdes!

PAIKEL (*Gesto de impaciência*) – Tratarei de vos interrogar, Bertha, a ver se mais depressa nos aviamos. Tereis a bondade de me informar dos meus projetos?

BERTHA – Seria inútil – porém eu vô-los direi – para vos diminuir a vaidade de pensardes que ninguém aventa as vossas intenções. – Não foi por amor da Livônia ou pela glória do vosso amigo – que o fizestes sair daqui: precisáveis de estar só para melhor levar ao cabo a vossa empresa e vistes com a máscara na cara – e o fingimento nos lábios atraiçoar o vosso amigo, se me não interpusesse entre vós ambos, mais forte do que a inocência de Romhor, mais vigilante do que a credulidade de Patkull.

PAIKEL – E sem dúvida terei tramado contra ele alguma horrível emboscada!

BERTHA – Que dúvida?

PAIKEL – Oh! Meu Deus!

BERTHA – Tremo por alguém. Paikel, quando te sorris para ele – quando lhe endereças palavras sedutoras, quando espontaneamente obsequias. – Armastes ao teu amigo alguma horrível emboscada – tu o disseste.

PAIKEL – Bertha, Deus te livre de amigos que assim pensem de ti.

BERTHA – Deus me perdoe, se me engano; porque já me tens dado razões sobejas para duvidar do bem que pareceis fazer.

PAIKEL – E não receias que pensem mal de ti, quando pensas mal de todos?

BERTHA – Não. Porque ainda conheço corações inocentes e virtuosos. Somente agora não sou tão fácil de enganar, como já o fui em outros tempos: tu bem o sabes, Paikel.

PAIKEL – Bertha, por que havemos de estar assim a estomagar-nos cruelmente um ao outro? – Eu bem sei que tu tens razão – muita razão – para me tratares com tanta dureza: eu mesmo me condeno porque baixamente me portei contigo – portei-me como um peão, como um servo. – Eu bem o sei, Bertha. Ainda que eu me lançasse de joelhos a teus pés, não me quererias perdoar, e contudo nunca te deixei de amar, Bertha: ainda hoje te amo; ainda te amo como sempre; como no dia em que abandonaste teus pais, teus lares, para seguires o simples cavaleiro Paikel – que nada mais tinha para te oferecer que o seu amor.

BERTHA – Já uma vez me enganaste!

PAIKEL – Não! Nunca te enganei porque o teu amor ficou sempre comigo. – Crês tu que um homem possa esquecer momentos tão deleitosos, como os que eu passei ao teu lado? Esquece-los-ás tu, Bertha? Não, não os esquecerás porque também eu me não esqueci deles.

Quando o amor é tão ardente e tão profundo como o nosso, Bertha, dura por toda a vida e o coração não pode amar duas vezes por igual modo.

BERTHA – Mas tu amas a esta mulher, Paikel.

PAIKEL – Não o creias. É uma distração – uma ilusão – um passatempo, porém nunca será o amor. Se tu me amasses ainda? Tu verias se o meu coração se tem envilecido – Bertha, ainda poderíamos ser felizes como no tempo em que eu te dizia: eu te amo. – E tu me abraçavas e com teus lábios, que se sorriam, derramavas sobre os meus um prazer indizível, inefável, que – que nunca igual experimentei.

BERTHA – Falas tu verdade, Paikel?

PAIKEL – Meu Deus, meu Deus – como te poderei eu persuadir? Dize o que

queres tu que eu diga ou faça, para que me possas acreditar. – Eu o farei, Bertha eu o direi – oh! Se eu pudesse dizer tudo quanto sinto por ti! – tudo quanto me enche o coração, e que eu mal posso traduzir – tu me perdoarias – Bertha, tu me amarias.

BERTHA – E esta mulher?

PAIKEL – Já te disse que a não amo – não amo senão a ti, minha Bertha. – Queres tu? Deixemos esta casa – esta terra – iremos nós ambos, nós sozinhos para longe – para muito longe – para a nossa casinha de Olitta, Bertha; e ali acharemos o prazer que ali deixamos, que ali nos sorria e o nosso amor tão puro e tão terno.

Tu bem sabes o amor que eu tenho à ciência – o amor da glória, que me não podia fazer esquecer. – Pois bem – Bertha – deixar-me-ei das minhas experiências que tanto te assustavam, e nem me ouvirás falar de alquimia ou de pedra filosofal – Queres tu? Oh meu Deus, não terás tu unicamente direito ao coração. – Já me não amas, Bertha?

BERTHA – Paikel.

PAIKEL – Fugamos daqui, meu anjo, meu amor; Bertha. (*Pegando-lhe nas mãos*) Iremos para onde te aprouver – sempre amantes – sempre unidos, na vida como na morte – Bertha?!

BERTHA – Seria verdadeiramente horrível que me enganasses segunda vez – Paikel! – Eu conheço que é possível – que um dia o farás talvez. – Não importa, Paikel; – eu também te amo. (*Vai para o abraçar – ele pega-lhe nas mãos e recua, para que ela o não abrace e ela cai de joelhos*)

PAIKEL (*A rir-se*) – Sois bem difícil de enganar, Bertha!

BERTHA (*Com a cara escondida no seio*) – Desgraçada que eu sou!

PAIKEL – Desgraçada que tu és, Bertha. – Vês tu que eu poderia fazer de ti tudo quanto me aprouvesse. – Vês tu que estás a meus pés como se foras a criminosa. – Vês tu que eu sei que ainda me amas, e que rejeitei o teu abraço, como rejeitei o teu amor.

BERTHA (*Tapando os olhos*) – Paikel!

PAIKEL – Desgraçada mulher, chamaste-me vil – infame – cobarde – chamaste-me que sei – eu... E conclues dizendo – eu te amo: por Deus que é incrível o teu amor! Amares qualidades tão infames!

BERTHA – Tem piedade de mim!

PAIKEL – Não mereces nem amor, nem piedade; mas terei compaixão de ti, se vir que as tuas faces ainda se não esqueceram de corar.

BERTHA (*Levantando-se resoluta*) – Só esta vez, Senhor. – Não vos falarei agora porque não terei palavras para vos dizer quanto foi baixo e vergonhoso o modo por que me haveis tratado: – Paikel – eu era rica e nova – tinha pais que me amavam, teria mil amantes se os quisesse, e tudo abandonei por amor de ti. – É da tua honra salvar a mulher que deixaste em tal abandono – queres salvar-me?

PAIKEL – Não.

BERTHA – Paikel, medita bem – tu me desonraste, humilhaste-me aos olhos de minha própria mãe – tu me seduziste no tempo em que me chamavas bela. – Esse tempo passou, bem o sei, mas foi o teu amor fatal quem me pôs a palidez nas faces, e o desespero no coração. – Fatigado com o meu amor me lançaste no mundo com a fronte cingida de vergonha e de opróbrio – Paikel! – queres tu salvar-me desta vergonha e deste opróbrio?

PAIKEL – Não.

BERTHA – Se não por amor de mim ao menos por amor de ti. Já sabes como eu amo – vê se me saberei vingar. – Não te iludas. – Não creias mais em amor de minha parte porque o acabaste de assassinar. – Mas, terrível é a vingança da mulher que nada respeita, e tu nada me deixaste de sagrado. – Não queres?

PAIKEL – Não.

BERTHA – Paikel, ainda uma vez.

PAIKEL – Não, mil vezes não.

BERTHA – Nada mais tenho que vos dizer, Senhor! *(Paikel encara-a um pouco com ar de triunfo e sai)*

Como pude eu amar a este homem, meu Deus. Paikel?! Paikel?! Oh! Que em breve te arrependerás. *(Ela pensa um pouco. – Aparece Wolf)* Estou vingada! Wolf.

CENA IV  
*WOLF e BERTHA*

WOLF – Que tens tu?

BERTHA – Não me disseste que o Senhor Patkull te ordenara de o ir avisar se por aqui acontecesse alguma fatalidade?

WOLF – Disse sim, mas que tens tu?

BERTHA – Nada, Wolf – tens de ir ter com teu amo.

WOLF – Eu!

BERTHA – Tu, Wolf – porque lhe aconteceu uma desgraça.

WOLF – Uma desgraça – Bertha?

BERTHA – Sim – Wolf – partirás agora mesmo, sem dizer nada a ninguém, e dirás ao Senhor Patkull que Romhor o não ama.

WOLF – Quê?

BERTHA – Que ama outrem.

WOLF – Ela?

BERTHA – E que Paikel é o seu rival.

*(Cai o pano)*

ATO TERCEIRO

PERSONAGENS

NAMRY ROMHOR  
PAIKEL  
BERTHA  
UM MENSAGEIRO  
UMA CRIADA

ATO TERCEIRO

QUADRO I

*A mesma sala que a do ato segundo.*

CENA I

NAMRY ROMHOR *(Vestida de preto)* – Patkull?! Meu Deus, por que o

prenderiam? É uma coisa inaudita, absurda, impossível – um embaixador de um aliado – um amigo de Augusto!!

CRIADA (*Entrando*) – Senhora, acaba de chegar um mensageiro que vos pretende falar.

NAMRY – Que entre já – não te demores. (*A criada sai*) Ao menos agora saberei alguma coisa com mais certeza. (*Entra o mensageiro*)

O MENSAGEIRO (*Ajoelha-se e beija-lhe a mão*) – Saúde e contentamento à Senhora Duquesa.

NAMRY – Deus te dê saúde e contentamento e eu te darei o que me pedires e o que eu te puder dar, se me trouxeres notícias de paz e contentamento.

O MENSAGEIRO – Nem de paz, nem de contentamento. – São novas de mau agouro, Senhora. – É pesado ouvi-las e triste o ter de as dizer.

NAMRY – Fala sem receio. É verdade que Patkull foi preso?

O MENSAGEIRO – Sim, Senhora Duquesa.

NAMRY – Está já morto?

O MENSAGEIRO – Condenado à morte.

NAMRY – Condenado à morte! Sabes tu o que dizes, homem? Condenado à morte!! E por quê? Sabes tu por quê?

O MENSAGEIRO – Não o sei e ninguém o sabe com certeza. – Ele mesmo é quem o disse – quando o prenderam. O rei Augusto não lhe quis falar, e ele está na prisão de Roenigstads.

NAMRY – E o rei Augusto?

O MENSAGEIRO – Está por ora em Dresde.

NAMRY – Sabes um caminho seguro e breve.

O MENSAGEIRO – Poderei lá estar em duas jornadas.

NAMRY – Descansa que partiremos ambos.

O MENSAGEIRO – Vós, Senhora?

NAMRY – Descansa, e não haja demora na partida – vai. (*Ele sai*)

## CENA II

NAMRY – Dizem que o rei Augusto é um bom rei – eu lhe irei falar. – Dizem que é desgraçado? Tanto melhor, que mais depressa se condoerá de mim – e mandará soltar o pobre Patkull – que o serviu tantas vezes – de conselhos – e com o seu braço – Patkull? Por muito tempo me tenho esquecido dele! Pobre homem – que tanto me amava. (*Entra Bertha*)

## CENA III

### *BERTA ajoelha-se aos pés de ROMHOR*

NAMRY – Que fazes tu, Bertha?

BERTHA – Vosso perdão, Senhora.

NAMRY – Sou eu que te falo, Bertha; não me conheces?

BERTHA – Vosso perdão, Senhora.

NAMRY – Ora vamos! Que me poderás ter tu feito, para que me venhas assim pedir perdão? Levanta-te e eu também te pedirei perdão porque te chamei minha amiga e por muito tempo me tenho esquecido de ti... e não só de ti, minha amiga! – Vamos.

BERTHA – Não vos mereço tanta bondade.

NAMRY – Estás-me a inquietar seriamente – que tens tu, Bertha?

BERTHA – Remorsos do que fiz, Senhora.

NAMRY – E é coisa que eu te possa perdoar? Como me poderias fazer mal?

BERTHA – Eu o fiz, Senhora.

NAMRY – Olha – Bertha – talvez que fosse melhor que deixasses para outra vez o que agora tens para me dizer porque tenho deveres a cumprir que me chamam longe daqui. – Mas não te posso deixar assim, Bertha – fala, se o teu perdão depende de mim, estás perdoada – não tenhas vergonha nem receios, porque bem sabes que eu sou tua amiga.

BERTHA – Eu amava, Senhora.

NAMRY – Bem o sei.

BERTHA – Oh! Como haveis de me odiar!

NAMRY – Sê breve.

BERTHA – Ao vosso amigo.

NAMRY – Bem o sei.

BERTHA – Como! Sabíeis! (*Encarando-a e levantando-se*)

NAMRY – Sim – era só o que me querias dizer? Estavas com tanto mistério para nada.

BERTHA – Não era só isto.

NAMRY – Então acaba.

BERTHA – A minha história é longa.

NAMRY – Queres matar-me de impaciência!

BERTHA – Sabeis quem sou eu?

NAMRY – Filha não sei donde – educada por caridade de não sei quem: – e depois.

BERTHA – Não, Senhora. – Nasci feliz e rica. – Meus pais me amavam – e faziam o que lhes eu pedisse. – Nunca contei com piedade – porque nunca supus carecer dela. – Então me apareceu Paikel – e disse que me amava – eu o acreditei enquanto não fui traída. Finalmente deixou-me só e abandonada.

NAMRY – Que te importa! Crê-me, Bertha, por mais forte que seja o amor nunca dura por toda a vida. – Esquece-te dele.

BERTHA – Fugi com ele – e por ele abandonei tudo quanto neste mundo me era mais caro. Abandonei meus pais e minha fortuna – e depois ele pretextou uma viagem e partiu – nem mais ouvi falar dele.

NAMRY – Falas de Paikel – Bertha?

BERTHA – Sozinha e fraca não tinha meios para ganhar a vida. Lembrei-me de meus pais mas eu não queria entrar em casa com a vergonha no rosto – e manchar os últimos instantes de quem me tinha cercado a meninice de tanto amor e carinhos. Não – eu queria antes morrer do que encontrar meus olhos com os olhos de meu pai – que morreu de vergonha. Seria longo dizer-vos os transees que passei – o que eu sofri de baixeza – de insultos e de orgulho – de homens e mulheres – chorei lágrimas de desespero quando nem uma esperança me restava sobre a terra – por acaso encontrei vosso pai, e desde esse momento vos tenho servido.

NAMRY – Falaste a Paikel?

BERTHA – Foi generoso em demasia – ajuntou o insulto ao abandono. – Tentei tudo para o comover, mas nada achei do que eu buscava. Foi então que para me vingar dele revelei tudo a Wolf – que já partiu para ir ter com seu amo – e para lhe contar o vosso amor.

NAMRY – Eu o mereci...! Porque me abaixei a amar esse homem. – Os homens! Os homens! – Não chores, Bertha – o teu nuncio de mau agouro não dará essas novas porque certamente não poderá falar com Patkull – que queres tu fazer?

BERTHA – Vingar-me.

NAMRY – Vingar-te! E que ganharás tu com isso?

BERTHA – A vingança.

NAMRY – E podes tu gozá-la?

BERTHA – Talvez.

NAMRY – Eu verei se podemos arranjar uma reparação: vai – faz saber a Paikel que lhe pretendo falar. *(Bertha sai)* Quem nos dirá a nós outras pobres mulheres o que se passa no coração de um homem. – Só palavras têm nos lábios – palavras que mentem – olhos que mentem, que dizem virtude quando a consciência diz crime. Os homens! Onde haverá mais falsidade? Eles que são mais fortes! Empregarem assim mentira! Perpetrarem assim vilezas! *(Entra o mensageiro)*

#### CENA IV

O MENSAGEIRO – Aqui estou, Senhora Duquesa.

NAMRY – Estás pronto?

O MENSAGEIRO – Às ordens da Senhora Duquesa.

NAMRY – E a carruagem?

O MENSAGEIRO – Também pronta.

NAMRY – Vai – brevemente serei contigo. *(Ele sai)*

Vejamos se posso tirar uma boa ação do que a consciência me exprobrava como um crime – certo que o farei. – Paikel ama-me, ainda há pouco mo disse. – O amor nada pode recusar, dizem. – Oh! Eu o farei!! *(Entra Paikel)*

#### CENA V

PAIKEL – E o que não farias tu – Namry. – Tudo quanto cabe nas forças de um homem ele o faria se a tua voz o dissesse – se teus olhos lho pedissem, se teus lábios lhe sorrissem!

NAMRY – Eu te esperava, Paikel.

PAIKEL – E eu, Namry! Eu aqui vinha a teus pés verificar tamanha dita, porque acabo de conhecer que realmente me amas – que não podes estar sem mim, como eu não posso estar sem ti. – E como no outro tempo – em que te ouvia dizer-me de contínuo: vem – como agora, Namry – eu vinha cheio de prazer e de contentamento – para te ver, como agora – para como agora te dizer: eu te amo, Namry.

NAMRY – Paikel, não é verdade que a mentira deslustra a honra de cavaleiro?

PAIKEL – Namry – o homem que mente é um mau cristão – o cavaleiro que mente é indigno de calçar esporas de ouro – e de lidar em justas e torneios com o seu nome de guerra. – Pela fé de um cristão e pela honra de um cavaleiro – Namry – eu te amo.

NAMRY – Não te recordas, Paikel, de ter dado a tua palavra a outra – de lhe teres empenhado a tua honra – como ora acabas de fazer por meu respeito?

PAIKEL – Negar-to fora mentir: – Namry – não há um homem da minha idade que derramando um olhar sobre o passado não encontre nele um remorso para a sua consciência. – Isso que dizes – Namry – eu o fiz – e talvez mais do que uma vez. – Mas – um cavaleiro que mal fez concede reparação leal e franca, a quem quer que lha peça. Eu sou cavaleiro, e que o não fosse, Namry – ser-me-ia penoso ter a consciência de não merecer o teu amor. – Alto soa o meu nome. – Quem se der por ofendido que venha ter comigo – e certo que voltará contente e satisfeito. – Tenho mais honra que dinheiro – mas o sangue e fazendas de Paikel, serão de sobra para o mais sedento e ambicioso.

NAMRY – E quando forem dívidas que se não pagam nem com dinheiro, nem

com o sangue?

PAIKEL – Que Deus se condoa de mim – porque tudo lhe poderia dar – e lhe daria tudo, menos o meu amor que não é meu.

NAMRY – Eu cria que o amor era sujeito ao dever.

PAIKEL – Crês tu – Namry!

NAMRY – Creio que o cavaleiro que é o mais forte deve dar exemplo à mulher que é mais fraca.

PAIKEL – E porque nos vês envergar couraça e saia de guerra ou – porque nos vês cobertos de aço e ferro – de aço e ferro, julgas tu que temos os corações?

NAMRY – Julgo-os demasiadamente sensíveis, a serem como o teu. – Mas dize? Quando uma mulher pode fazer calar o seu amor por que não poderá um cavaleiro acabar com ele?

PAIKEL – Porque ele se esquece de tudo para pensar nela e ela se lembra de tudo para o esquecer a ele.

NAMRY – Paikel, como se apelida entre vós outros uns cavaleiro que falta à sua palavra?

PAIKEL – Um felão.

NAMRY – E tu queres ser um cavaleiro felão?

PAIKEL – Serei. (*Gesto de desprezo de Namry*) Serei, Namry, só por teu respeito. – Ainda quando o arauto me negasse a entrada na liça dos combates por esta ação – quando todos me repreendessem, não o deverias tu fazer, Namry – porque é por ti que eu o faço.

Mas não será eterna a exprobração – quando eu mostrar um dia o que era o meu amor de hoje – o meu amor de sempre: – meus pares dirão cheios de assombro – só o amor de Paikel podia vencer a sua honra.

NAMRY – Já que te esqueces de tudo para só te lembrares de mim – quero corresponder-te por igual modo.

Também me esquecerei de mim para só pensar em ti. – Tratemos da tua honra, Paikel.

PAIKEL – E desde quando te importas com ela?

NAMRY – Desde que dela te esqueceste. – Há uma mulher a quem chamo minha amiga – Paikel – bem sabes quanto perdeu por teu respeito – bem sabes – porque a conheces há mais tempo do que eu; – e porque ela mesma to disse antes que mo dissesse a mim.

É a primeira coisa que te peço – Paikel – repara o mal que fizeste, e eu serei contente de mim mesma por ver que amava um homem que merecia ser amado.

PAIKEL – Não posso.

NAMRY – E porquê?

PAIKEL – Porque a sua família não é nobre.

NAMRY – Devias ver isso quando a desonraste.

PAIKEL – Mas estas alianças sabes, bem o sabes, têm pouco uso entre nós.

NAMRY – Também entre vós outros é de pouco uso deixar penhorada a sua palavra.

PAIKEL – Bem o sei. – Mas eu não amo a essa mulher. Inda há pouco me veio ela injuriar face a face – chamou-me nomes de desprezo e de injúria, que eu me envergonharia de os repetir. Tivesse ela um parente que cingisse uma espada – e a esta hora ela não teria este parente. Não fosse vilania assassiná-la – a esta hora não terias mais amiga.

NAMRY – Ela te defendeu em minha presença como eu talvez o não fizesse agora – eram palavras de ciúme que não mancham porque são filhas do amor.

PAIKEL – A vingança de que um para o outro éramos capazes, nós a temos praticado. – Insulto por insulto: somos pagos.

NAMRY – Estás pago – e ela punida – muito bem, Paikel. – Já não restam lembranças de recíprocos insultos – nada mais terás que objetar.

PAIKEL – Nem ela que me pedir.

NAMRY – Deixemo-nos de razões, Paikel – por esse modo não posso lutar contigo. Por que me não fazes tu o que eu te peço?

PAIKEL – Porque eu te amo! Namry – porque te amo de todo o meu coração.

NAMRY – Oh! – Mas seria eu verdadeiramente pobre – roubar à fortuna da minha criada – pensas em tal, Paikel.

PAIKEL – Da tua criada?

NAMRY – Da minha amiga – como também tu ao teu amigo. Já bastante erramos – é preciso que ao menos uma vez na vida andemos por caminho seguro e plano. Temos hoje mais que fazer do que o papel de amantes. – Tu és o cavaleiro Paikel – que tens um brasão ilustre, um dragão lavrado em sinople que despedaça uma serpente. – Tens por divisa o valor pela virtude. Eu sou a Duquesa de Mecklembourg. – Lembremo-nos do que somos, e façamos o que devemos.

PAIKEL – Pede-me tudo quanto quiseses – Namry – tudo, e eu farei tudo – mas não me peças que te deixe de amar porque de certo o não pudera fazer. Eu daria quanto tenho de mais precioso a quem me reduzisse o meu amor à têmpera do teu – é um amor brando e fácil que se turva como a mais pequena nuvem, que mostra mil aspectos, como as asas da borboleta adejando ao sol.

NAMRY – Não mo queres fazer?

PAIKEL – Não posso.

NAMRY – Paikel – meu pai dizia que um nobre que se debruça sobre uma mesa para ter um livro ou pergaminho – era da nação efeminada dos franceses, que hoje não conta um cavaleiro: que um cavaleiro que se compraz em rabiscar papel, em vez de manejar a espada, descaía da sua nobreza – que um cavaleiro que consome dias e noites em busca de ouro, tinha o gênio de um vilão.

PAIKEL – Teu pai nasceu 200 anos depois de que deveria ter vivido.

NAMRY – Meu pai era um Duque honrado e nobre – se ele te dissesse – farei isto; podias dormir descansado como debaixo da folha da sua espada, porque ele cumpriria a sua promessa sem que fosse mister lembrar-lha.

PAIKEL – Tu me enganaste, Namry – quando me disseste que me amavas.

NAMRY – Era eu que me enganava a mim própria. Deves confessar que não posso satisfazer a tudo quanto por mim tens feito.

PAIKEL – Talvez.

NAMRY – Talvez!! Bem – será mais uma dívida, Paikel – que eu te não poderei pagar. Salva a honra de Bertha – eu me esquecerei de tudo.

PAIKEL (*A rir-se*) – Esquecer-te-ás de tudo? Como és generosa...

NAMRY – E mais do que mereceis, Senhor, sois um infame.

PAIKEL – Namry!

NAMRY – Agradeço-vos amor tão alto. Porém tenho orgulho sobejo para me contentar com os restos de outra, e não deixei de ser nobre para me casar com um assassino. Destes a vossa palavra a vossa amante, de que ela seria a vossa esposa – e ela, porque fiou de vós, serve hoje para ganhar a vida. Destes vossa palavra ao vosso amigo – e porque ele acreditou na vossa palavra, vai ser assassinado.

PAIKEL – Patkull? Falas de Patkull?

NAMRY – Ide a Romgstads e lá o vereis subir ao cadafalso que para ele mandastes aparelhar.

PAIKEL – Eu o salvarei, Namry, eu parto já, sem demora.

NAMRY – Fazeis bem, Senhor – porque se ele entrar uma vez nesta casa, não lhe seria gostoso o encontrar-vos nela; e quando ele não viesse – não me seria vossa presença muito para desejar.

PAIKEL (*Saindo*) – Fleming!! Fleming!! Tu mo pagarás, Fleming!

NAMRY – Hipócrita.

## ATO QUARTO

### PERSONAGENS

FLEMING  
O REI AUGUSTO  
NAMRY

## ATO QUARTO

### QUADRO II

*Uma sala de palácio em Dresde, uma mesa e cadeiras.*

### CENA I

#### *O REI AUGUSTO e FLEMING*

AUGUSTO – O que há de novo, Fleming?

FLEMING – Saberá Vossa Majestade...

AUGUSTO – Já não sou Majestade.

FLEMING – Saberá Vossa Alteza que é chegado o correio que foi de vossa parte dar a Estanislau os parabéns da sua elevação ao vosso trono da Polónia.

AUGUSTO – Maldito seja ele... Que mais.

FLEMING – O correio de Carlos XII espera a vossa decisão quanto aos artigos que deveis assinar para o tratado de paz.

AUGUSTO – Lê-os – Fleming – lê-os de novo que me quero fartar de minha vergonha – lê-os.

FLEMING (*Lendo*) – Darei paz a Augusto – rei que foi da Polónia – debaixo das condições seguintes, que serão cumpridas à risca sem alteração alguma:

1º O Rei Augusto renunciará ao trono da Polónia – reconhecerá Estanislau por seu legítimo rei – e prometerá jamais pretender elevar-se ao trono, mesmo depois da morte de Estanislau.

2º Renunciará a toda aliança com nações estrangeiras – principalmente com a Rússia.

3º Mandará para o meu campo os príncipes Sobieski – com uma guarda de honra e todos os prisioneiros que me houver feito.

4º o último. Entregar-me-á todos os desertores que passaram do meu serviço – e expressamente João Reginoh, Patkull – e dará anistia a todos que passaram do seu para o meu serviço.

AUGUSTO – Só?

FLEMING – Nada mais se contém neste rascunho que nos mandou o conde

Piper.

AUGUSTO – Aceito. – O Rei Carlos é um rei magnânimo e generoso... Porque me não mandou ir ele à sua presença descalço com as insígnias reais, com uma corda nos rins, e o *knout* nas mãos. Por Deus que eu lhe iria beijar os pés para envilecer e abaixar esta maldita Polônia, já tão vil e tão baixa – Polônia! – Povo de escravos orgulhosos – povo de cobardes – povo lançado no meio da Europa para ser vendido ao que mais dá e que mais promete – Polônia! – Folga e ri satisfeita na tua prostituição – enche o céu com fogos de vista e gritos de alegria – ilumina teus palácios e habitações de escravos – alegra-te, que em breve gererás aflita sob o azorrague da infâmia.

FLEMING – Rei Augusto!

AUGUSTO – Não me fales, Fleming – não – não me fales – ou dá que eu veja esta Polônia ardendo em fogo, como Sodoma ou Gomorra – Carlos XII! Quem me dera ter vida para te ver um dia miserável e mendigo, roído de ambições e de remorsos! – Não – não serás o único conquistador que avistarás o destino dos teus. – Por que não lutei até esse tempo?

FLEMING – Perderíeis vosso ducado como perdestes a Polônia.

AUGUSTO – E que me importa a mim um ducado, ou a Polônia? (*Entra um soldado*).

O SOLDADO – O Príncipe de Mensicoff deseja falar a Vossa Majestade.

AUGUSTO – Não lhe posso falar.

O SOLDADO – Vem para vos falar a respeito de Patkull.

AUGUSTO – Não ouviste? (*Pausa por algum tempo*) Fleming, que é feito de Patkull?

FLEMING – Foi conduzido de Keenigstadt para Casimir, e deve ser entregue aos soldados de Carlos XII, segundo a convenção.

AUGUSTO – O César quis saber o que eu fiz do seu plenipotenciário – e tem razão – que lhe hei-de eu dizer? Ele era o meu único aliado, o único verdadeiro amigo.

FLEMING – Mas ganhastes a vossa Saxônia.

AUGUSTO – Mas perdi a honra, Fleming. – Se eu tivesse ainda em meu poder esse homem, a quem agradeço tão mal – oh! Não sei de certo se o entregaria ainda quando me rendesse o cêntuplo, do que ora me rende.

FLEMING – E fareis mal.

AUGUSTO – És um bom político, Fleming – porém tens uma alma bem pequena. – Tens ocasião de te vingar de um inimigo e pouco te importa que ele seja desgraçado. – Eu estimaria mais que o defendesses.

FLEMING – Nem que ele fosse meu irmão – pediria eu por ele quando se trata dos interesses de Vossa Majestade.

AUGUSTO – Escusas lisonjas – vês que sou um rei sem trono ou Majestade; um poder sem alçada.

FLEMING – Não é lisonja, Senhor – quando vos digo que a rebelião é um crime – e que um rei nunca deve proteger um rebelde. – Um duque espanhol jurou ao seu rei que faria queimar seu palácio se o Duque de Bombonde se demorasse nele por espaço de uma hora, porque o Duque se tinha rebelado contra o seu rei – Francisco I. – E o rei louvou a nobreza do vassalo. – Ora, Patkull é um rebelde – era um dever real puni-lo – vós o fizestes, senhor. E nem vos fica menos airoso que a sua morte vos renda um ducado – que já era vosso, e para mim, o chamais uma vingança, que nunca tencionei tomar.

AUGUSTO – Seja como dizes. (*Faz-lhe sinal com a mão que saia. Ouvem-se passos*) Já devem ser seis horas; para que me pediu uma audiência a Duquesa de Meklembourg? – Que me pretenderá!! – Veremos. – Algum capricho de Senhora?! Que

importa?! – Não negarei um favor ao descer do trono à filha de quem era meu amigo, antes que alguém sonhasse que Augusto seria rei um dia.

Um dia!... O que é um dia? – Às vezes se passam eles serenos e mansos sem que nem ao menos a sombra de um acontecimento escureça alguma parte dele. – Outras vezes a vida pende do resultado de um dia, e a alma tem a vista pregada no que vai acontecer que lhe trará ventura ou desventura. – É um lago tranqüilo e manso, representando o azul do céu e das nuvens. São ondas negras e revoltas que se embatem, que se cruzam, que se repelem mal ditas da esperança. – E a vida aí está como no aspecto fagueiro ou terrível da superfície do lago. – Somente a alma guarda mais constantemente para todo o resto da sua existência neste mundo o que por ela passou uma vez. – O pesar dura eterno como o seixo lançado na corrente. – E o prazer também lá permanece, e por vezes se nos acorda feiticeiro e saudoso – como a imagem da donzela que uma vez topamos para mais não voltar.

## CENA II

*Batem. – Ele pára como despertado de seus pensamentos – e de repente vai à porta – abre e entra Namry Romhor.*

NAMRY – Senhor!

AUGUSTO – Que pretendeis, Senhora?

NAMRY – Falar ao rei Augusto.

AUGUSTO – Sou eu.

NAMRY – Vós? *(Como consigo)* Parecia-me que a presença de um rei deveria de ser terrível e majestosa.

AUGUSTO – Nada disso – nem majestosa nem terrível – porém benevolente quando a vida de um rei se fita num perfil gracioso e belo de formosura como a vossa.

NAMRY – Não mereço que sejais homem para vos abaixar até mim.

AUGUSTO – Também nós somos homens: – também! Com diferença de que o coração de um rei parece ter mais força para a dor e maior espaço para conter lágrimas que se não podem deslizar impunes pelas faces do monarca – mas eu já não sou monarca – não, já o não sou! Podeis falar sem receios. – O Rei Augusto morreu – mas ainda vive o amigo de vosso pai, Senhora Duquesa.

NAMRY – Não contava com mais esse título para me apresentar diante de vós, Rei Augusto. – É um bom agouro da minha boa fortuna. – Recordei-me de que meu pai vos chamava justo e bom – e eu vim ter convosco fiada na justiça e na bondade que meu pai tanto exaltava.

AUGUSTO – Não praza a Deus que eu desminta conceito para mim tão lisonjeiro – podeis falar, Senhora Duquesa.

NAMRY – Meu Deus! Não sei por que me acanho tanto para vos pedir o que tenho de vos pedir.

AUGUSTO – Quereis muito. *(A sorrir-se)*

NAMRY – Muito! Muito!

AUGUSTO – Oh! Tanto melhor – certo que eu não quisera tão somente conceder à filha do meu velho amigo o que outro qualquer também pudesse. – Já não sou rei, Senhora Duquesa, mas ainda me não esqueci de o ser.

NAMRY – Confio nisso, – e é por isso que vos venho pedir a liberdade de Patkull.

AUGUSTO – Patkull? Patkull! Que vos importa esse homem?

NAMRY – Peça-vos uma graça, Senhor.

AUGUSTO – Patkull! Vejamos, Senhora Duquesa. — Eu vos quisera servir –

pedi-me qualquer coisa possível, e eu vô-la farei. – A minha Saxônia é bastante vasta – escolhi uma cidade – uma vila – um castelo e eu vô-lo darei. – Vede de Leipzig de Blauzou – de Zillan a Plauen – escolhi o que quiserdes, – Vistes vós Altenbourg molemente deitada à margem do seu rio como uma otomana voluptuosa? Gera – a cidade do comércio e da riqueza. – Leipzig – a cidade das artes e das ciências – e Plauen – campeando no cimo de uma rocha como um guerreiro noturno que vigia firmado na sua espada. – Plauen austera e forte como um castelo esquecido do perpassar dos anos, vigiando a Áustria, sombrio e grave – tudo – tudo o que vos aprouver não vos ireis queixosa do rei Augusto que foi amigo de vosso pai.

NAMRY – Não, Senhor – pela melhor das vossas cidades não vos viera eu importunar – venho pedir-vos a vida de um homem que não mereceu perdê-la.

AUGUSTO – Quem vos disse que ele o não tinha merecido?

NAMRY – Era vosso, todo vosso – de alma e coração – ele vos aconselhou como amigo – e vos serviu como escravo.

AUGUSTO – Era um rebelde!

NAMRY – Não a vós que só podeis puni-lo por vos haver bem servido. – Perdoai se vos falo assim. – Durante o caminho tão breve da minha vida não pude ainda aprender como se fala aos reis – peço-vos a vida desse homem – que meu pai me deu por esposo – meu pai era amigo de vós ambos. Certo que se o pobre velho ainda existisse, ele se curvaria diante de vós, Senhor – para que lhe désseis a vida do esposo de sua filha – e o rei Augusto não seria surdo às vozes do infortúnio. – Senhor, é a vida do meu esposo que vos peço, que vos peço de joelhos – que vos peço pelo que há de mais santo, pelo que tendes mais precioso e mais caro.

AUGUSTO – Levantai-vos, Senhora – bem me custa ver-vos assim a chorar sem poder enxugar vossas lágrimas!

NAMRY – Por que o não podeis, Senhor – é vossa a prisão – é vosso o carcereiro – os soldados que o guardam são vossos; os ferros que o prendem são vossos. – Uma palavra só, e ele será livre e feliz – e eu agradecida e contente, e vós satisfeito com a ventura que fazeis nascer. – Como é belo ser rei para fazer o bem, livre e grandemente – para ter palavras que dão vida e alegria. Meu Deus, como poderia eu resistir a quem me pedisse a vida de uma criatura?

AUGUSTO – Pedi outra coisa, Senhora Duquesa.

NAMRY – Nada mais, Senhor, nada mais que a vida do meu esposo e sereis para mim como um Deus. – Que mal vos pode ele fazer? Ele que vos amava tanto. – Que mal vos pode fazer – ver-nos alegres e felizes – quando vos devermos alegria e felicidade?

AUGUSTO – Não alcançareis nada, Senhora Duquesa: – quanto vos podia dar, eu vô-lo ofereci – nada mais tenho que vos sirva.

NAMRY – Senhor, como vos hei-de eu falar para vos mostrar que me podeis fazer o que vos peço, que mo deveis fazer – Senhor. – Senhor, não vos incomoda acaso ver em roda de vosso trono um rio de sangue? – Vós me pareceis tão bom, rei Augusto. Podereis acaso pensar tranqüilamente de que às tantas um homem será de menos – e isto porque vós o quisestes – porque vós mandastes – Senhor? – Tende piedade de mim!

AUGUSTO – Ele tem de ser entregue a Carlos XII.

NAMRY – Por Deus, Senhor – por Deus – não façais tal – sabeis vós que é um verdadeiro assassinato – que ele o mataria sem compaixão nem piedade – esse homem de sangue e de carnagem – vós o não fareis, rei Augusto – Carlos XII também é vosso inimigo cruel, que vos tem perseguido e ultrajado vergonhosamente. – Quereis condescender com ele, rei Augusto – quereis dar-lhe o vosso amigo em recompensa de vos haver roubado a vossa Polônia. – Vós o não fareis. – E depois não podeis sem

desonra tocar na cabeça de um embaixador. Tencionais fazê-lo, Rei Augusto.

AUGUSTO – Já vos disse que ele era um rebelde.

NAMRY – Rei Augusto, o que ides fazer era demais para desonrar um homem. – É uma coisa verdadeiramente baixa – um rei ser constrangido por outro rei como um escravo – dois reis que se ligam para perder um homem. – Não é isto uma coisa vil e infame?!

AUGUSTO – Duquesa, não faleis de razões que mal podeis compreender.

NAMRY – Nada mais vos direi. (*Indo para sair.*)

AUGUSTO – Vejamos, Duquesa, ainda uma vez, pedi-me uma coisa qualquer que seja e eu vô-la farei – não, eu não quisera vos fôsseis descontente comigo.

NAMRY – Deus guarde a Vossa Majestade. (*Sai*)

### CENA III

AUGUSTO (*Depois de um momento de silêncio*) – Acaso um dia se levantará a voz da posteridade para dizer que o rei Augusto foi um traidor e um cobarde – traidor! e cobarde! Fleming?

FLEMING – Senhor!

AUGUSTO – Quero que Patkull viva.

FLEMING – Mandai pedir a sua graça a Carlos XII.

AUGUSTO – São 6 horas. – Às 9 um correio pode estar em Keenigstadt – e Patkull será livre.

FLEMING – Às 8 horas já deverá estar em poder de Carlos XII.

AUGUSTO – É já tarde. (*Caindo numa cadeira*)

### ATO QUARTO

#### PERSONAGENS

PATKULL  
SALTZ  
WOLF  
PAIKEL

### ATO QUARTO

*Um cárcere escuro com uma grade de ferro – uma mesa antiga e velha – uma cadeira.*

### CENA I

PATKULL – Como é triste uma prisão – como este silêncio é cheio de pavor e de tristeza. – Aqui estou – eu, só eu, sepultado – eu, sem vida quando carecia tanto de alguém que me falasse, de alguém que eu escutasse a cada instante – de alguém que me enchesse o coração de sossego e de harmonias. – Nada, nada sinto em torno de mim mais do que o silêncio, como o de um cemitério, que me gela o sangue nas veias – que me enoitece a fantasia – só por vezes o coração me arqueja e pula – como que acordasse – ainda em vida – ao derradeiro som da pedra que lhe esmaga a vida. – Meu Deus! – Morrer assim seria passar a eternidade transido e desesperado. – Morrer! Por que tantas

vezes penso nisto? – Não tenho eu tão vivo o sentir que bastaria para viver mil anos? – Como é possível morrer com tanto amor. E no entanto foi o meu primeiro pensamento quando me vi preso – meu primeiro pensamento quando passei o umbral desta porta. – O último quando só me deixaram – quando se fechou aquela porta – quando o som de passos se foi sumindo longe – mais longe – por entre as abóbadas dos corredores – mais longe como uma quimera. – Morrer – (*Andando – pára – cruza os braços no coração*) Morrer agora! – Vamos, que me aproveita sonhar torturas e tormentos?

Muitas vezes fatigado de alma e corpo sucumbi ao cansaço e dormi. – Negras imagens esvoaçaram por minha alma perseguida por uma idéia – meu coração gemia amargurado sob terrível pesadelo, e as bagas de suor corriam por todo o corpo. – Despertava enfim. Eu via a lua que enfeitava o azul dos céus de Itália, a terra bela e perfumada – e o mar que vinha preguiçoso beijar os pés de Nápoles. – O Vesúvio além cuspidando o fumo como sombrio penacho de guerreiro – porque não haverá também – quando os olhos vigiam – desses pesadelos do espírito, horríveis em sonho – mas fagueiros – mas belos na realidade. – Oh! Quem me dera respirar o ar fresco e puro que agora lá por fora adeja e sussurra na folhagem. (*Chegando-se à janela*) Quantas vezes não vi eu a lua branquear este céu – vinha então espalhar neste silêncio da noite tão amigo – o muito que eu sentia. – Era a noite tão bela como agora – talvez menos – porém não tinha diante de mim estas grades de ferro, que me ofendem a vista. – Namry – meu amor – minha alma – meu anjo tão puro e tão belo, se na terra existem anjos – quem me dera ver-te como sempre – formosa e pensativa – como um anjo na terra se lembra de melhor pátria. Namry – Oh! Pudesse eu quebrar estes ferros – e ir daqui lançar-me nós teus braços – Namry – pudesse eu ver-te uma vez sequer, uma vez nesta vida e na outra a eternidade. – Vem, Namry – vem – eu serei calado e mudo bebendo a vida dos teus lábios – bebendo o amor dos teus olhos. – Vem, cantar-me-ás essa cantiga tão singela que tanto me aprazia ouvir-te. – Essa toada dos campos de amor e de ternura da mulher tão extremosa – longe de quem ama. – Oh! Quantas vezes a terás soluçado involuntariamente – desde que eu te deixei de ver – e eu dera a vida para ouvi-la – dera tudo menos o meu amor! (*Fica mudo e pensativo. – Entra Saltz*)

## CENA II *O mesmo e SALTZ*

SALTZ – Como ides, Senhor?

PATKULL – Bem, Saltz – muito bem – melhor do que eu esperava passar numa prisão.

SALTZ – Certo – bom senhor – que não estareis aqui tão bem como no vosso palácio de Livônia – sempre é uma prisão – uma coisa bem feia e bem lúgubre, que até me entristece a mim que não sou nem preso nem condenado. – Não posso dar um passo sem surpreender lágrimas que vacilam nas pálpebras – ou insano desespero de quem nada espera. Nos corredores por onde passo através das muralhas dos cárceres transundam suspiros e agonias – vozes que se lamentam – que se enfurecem –, ou que choram truncadas e sem força – que é dor do coração ouvi-las tão sentidas. – Quando me deito, choro por esta pobre gente com quem tenho dever de parecer rigoroso – e quando acordo sinto o rojar de grilhões do que vela toda a noite nas trevas e suspiros.

PATKULL – Bom Saltz.

SALTZ – Bom – Senhor – bom – mais do que devo e menos do que uso exige a consciência. – Eu vim para este inferno com a alma pura – sem remorsos, sem pesares. Alegre e satisfeito dormia e acordava feliz, porque vivia, porque sentia a vida – e hoje – bem vedes que vos entristeço em vez de vos consolar, como eu tanto desejara – porque

me parece que é mau quem se emprega neste ofício – e tenho pesar de tanta vida que se perde – de tanta alma arrancada do corpo com violência.

PATKULL – Teu emprego é triste, Saltz.

SALTZ – E quando às vezes tomamos a um preso – porque o conhecemos generoso e bom – quando o amamos como se fora um parente – uma parte da nossa alma – e sabemos que há-de morrer – que tem de morrer às mãos do carrasco em dois dias – em duas horas e não ter forças para o salvar, quando daríamos a vida por ele?! – É triste, bom senhor – é triste para quem pensa – para quem sente: – para o que morre – algumas horas – e para o que vive, a vida inteira!

PATKULL – Tens razão, Salta – Talvez que eu te poupe esse dissabor – que tanto te penaliza.

SALTZ – E quem pode contar com a vida?

PATKULL – O coração, Saltz – há esperanças que não mentem, há ilusões que são esperanças. Há convicções de que não podemos separar de uma criatura mau grado a violência – Tenho essa esperança – essa convicção profunda. Deixá-la? – Não vês tu que é impossível.

SALTZ – E o que há impossível para Deus, Senhor?

PATKULL – A injustiça – a crueldade, a falta de misericórdia – tudo o que obsta ao amor e à fé – tudo, porque Deus é o amor – é a vida, Saltz – é a esperança.

SALTZ – Que Deus vos ouça – que lho peço de todo o coração porque vós sois bom, Senhor. – Careceis de alguma coisa.

PATKULL – Não, Saltz, deixa-me só.

SALTZ – E se alguém vos quisesse falar?

PATKULL – Quem se lembra... Wolf!

### CENA III

*WOLF corre para ele – vai para lhe beijar a mão – Ele o impede e o abraça.*

PATKULL – Wof, já me esquecia de ti, bom pajem – bem hajas tu que tão gostosamente me vieste surpreender?

WOLF – Não tanto como pensais – meu bom amo.

PATKULL (*Encarando-o*) – Pois não vieste só para ver teu pobre amo – que gemia aqui – sozinho.. – Tirante uma pessoa, Wolf, eras a quem mais desejava ver – Não me trazes novas de alguém?...

WOLF – Tristes novas, Senhor.

PATKULL – De quem, Wolf?

WOLF – Da duquesa.

PATKULL – Morreu a Duquesa?

WOLF – Vive.

PATKULL – Está doente? Fala, Wolf – está doente, talvez próxima a morrer? Por que mo não disseste mais cedo – que já agora estaríamos em caminho.

WOLF – Está boa.

PATKULL – Oh! Podes então falar, meu amigo.

WOLF – Meu tio!

PATKULL – Deixa-nos por um pouco, Saltz.

SALTZ – Não quereis ficar só?

PATKULL – Não, Saltz – não – quero primeiro ouvir teu sobrinho – e quando voltares, por ventura que me encontrarás mais venturoso do que o condenado a quem anuncias salvação.

SALTZ – Deus o queira.

PATKULL – Pobre velho – que já não vê na vida um raio de esperança. –  
(*Pensa*) Que me dizes tu, Wolf?

WOLF – Meu bom amo. (*Lançando-se nos braços dele*)

PATKULL – Que tens tu?

WOLF – Nada, Senhor, nada.

PATKULL – Por que chora, pajem!

WOLF – Eu não quisera mortifica-vos, Senhor.

PATKULL – Dize – Wolf – por que assim choras – o que te aconteceu, não vês que esse teu silêncio me aflige?

WOLF – Por que me deixastes vós naquela casa, Senhor, quando eu vos pedia que me trouxésseis convosco?

PATKULL – Quê? Fizeram-te mal?

WOLF – Senhor – não, mas não veria eu tanta traição.

PATKULL – Contra quem, Wolf?

WOLF – Contra vós, Senhor – contra vós mesmo.

PATKULL – Vamos, Wolf, endoideceste depois que me soubeste preso.

WOLF – Contra vós, e era vosso amigo!

PATKULL – Paikel!

WOLF – E a vossa noiva.

PATKULL – Namry! – Por que me exalto! Um delírio de criança.

WOLF – Foi Bertha quem mo disse.

PATKULL – Mentiu, Wolf!

WOLF – E eu que o vi?

PATKULL – Viste! Que viste tu! Por que me apareces aqui? – Quem te chamou, Wolf? Infame! Sabes tu que eu, preso como estou, posso fazer saltar sobre estas paredes teu sangue e cérebro? Que eu te poderia estalar a vida, calçando aos pés teu corpo? Tanta mentira em tanta juventude!...

WOLF – Eu vi. (*chorando*) E disseram-me que Paikel vos mandara aqui para o cadafalso.

PATKULL. – Paikel – oh! Sim, foi ele quem instou comigo para que aceitasse este maldito emprego: foi ele quem mendigou por mim esta maldita embaixada – foi ele...(*Para de repente encara seriamente Wolf – vai sério para Wolf – pega-lhe nas mãos*) Wolf – um malvado pode se aproveitar da tua inocência e fazer-te perpetrar um crime – uma violência. – Podem ainda iludir-te com esperanças de riquezas – de palácios – de jogos – de prazer que fariam cair um anjo – Wolf – dar-te-ei riquezas como nunca pudeste imaginar – riquezas com que podes comprar prazer e venturas – riquezas que te assegurem um futuro real e brilhante. – Mas afirma que isso que disseste é uma mentira – uma calúnia que algum te sugeriu. – Dize Wolf! – Bem sabes que sou teu amigo! Por que me querias tu enganar?

WOLF – Disse a verdade.

PATKULL (*Com violência – apertando-lhe os braços com força*) – Disseste uma mentira.

WOLF – Ai! Que me matais.

PATKULL (*Atirando-o para longe*) – Criança – Oh! Que não sejas um homem! – Maldito sejas tu – mataste-me a fé – e o coração – mataste-me o que eu tinha de mais sagrado e inestimável – ingrato que assim pagas quanto hei feito por ti – vai-te – vai-te – e nem mais eu te veja – mensageiro do inferno. (*Wolf sai. Ele cai sobre uma cadeira. Põe as mãos nos olhos fica mudo*) Namry – eu te amava tanto – Paikel. (*Levantando-se e gritando furiosamente*) Paikel – Oh! Não ter um instante só de liberdade – um momento – um nada!! – Infame (*Rindo*) Que mal fiz a esta gente para que assim me

martirizem – eu os amava tanto!! Meu coração era dela – meu sangue era dele – de ambos eles minha vida! Que mal lhes pude fazer? (*Pensa*) Wolf era um bom pajem – naquela idade não se fingem lágrimas – e a mentira não roça os lábios da inocência. – Bertha tinha ciúmes. – O ciúme vê muito, vê longe. – certo! Por que deixou Paikel seu negro laboratório – por quê? – Quando o demônio deixa as trevas não é para vir no jardim do paraíso aliciar a criatura inocente? Não me disse ele que já se conheciam! – E por que me pediu ele um lugar secreto para a conferência senão porque sabia que seria em casa dela? Que empenho tinha de me ver segunda vez envolvido num vórtice de guerras e de interesses, senão para se ver só com ela! (*Ouve-se o rangir de uma fechadura que se abre. – Patkull senta-se e vira as costas para a outra porta.*)

#### CENA IV

*Entra PAIKEL em trajas de criado do cárcere com um cesto*

PAIKEL – Aqui tendes comida.

PATKULL – Está bom.

PAIKEL – Quereis alguma coisa?

PATKULL – Não; podes -te ir.

PAIKEL – Como sois triste!

PATKULL – Está bem!! Está bem!! Podes-te ir.

PAIKEL – Não vos lembra de alguém?

PATKULL (*Estremece – olha repentinamente para ele*) – Oh! Lembrava-me de ti.

PAIKEL – E não me esperavas?

PATKULL – Sim, eu te esperava..

PAIKEL (*Chegando-se para ele – e estendendo-lhe a mão – Patkull recua*) – Bem me custou chegar a ti; – e quase a tua e a minha esperança seriam baldadas.

PATKULL – Mas eu te esperava.

PAIKEL – E tinhas razão, esperavas um amigo.

PATKULL – Não, mas a ti – Paikel – A vítima que morre tem dores que regozijam o coração do sacrificador – o coração tem tormentos que são como delicioso manjar de vingança – e olhos de homem que vertem lágrimas têm mágico atrativo para o homem que as faz verter. – Perder ocasião de espreitar dores lágrimas e tormentos – Oh! Era supor-te bem pouco esquisito de gosto – tu vieste – eu te esperava.

PAIKEL – Vim para te salvar.

PATKULL – Oh! Melhor – melhor – ainda. – Quem morre – morre uma vez – já se não sente – era pouco. – Era mais horrível ter vida – sentir a morte a cada hora, a cada instante – a cada instante dores piores que a morte – que desesperam, que elouquecem. – É mais deleitável! Mais belo! Tens razão de me queres salvar – Paikel.

PAIKEL – Não te posso entender! Patkull. – Depois falarás à tua vontade – dir-me-ás o que quiseses – o que te aprouver dizer – mas hei-de primeiro salvar-te – porque eu dei a minha palavra que voltarias são e salvo.

PATKULL – És um homem de palavra, Paikel!

PAIKEL – Salvar-te-ei, Patkull. – Algumas horas mais e será noite. – Brevemente os soldados de Carlos XII tomarão conta deste castelo.

PATKULL – Bem o sei.

PAIKEL – No meio desta mudança poderás passar despercebido – levarás esta farda de lacaio, que me pôde conduzir até aqui – e que de certo te porá fora, incólume e salvo.

PATKULL – E irei ter com Namry, não é assim, Paikel.

PAIKEL – Irás onde quiseres, Patkull.

PATKULL – Dir-lhe-ei. “Paikel é um amigo nobre e honrado: conduziu-me à borda do meu precipício, atirou-me nele e depois como lhe sobreviesse um resto de compaixão, estendeu a mão a quem já não tinha esperanças de vida – e que endoideceria de as ter”.

PAIKEL – Dir-lhe-ás de mim o que quiseres, depois de te haver salvado – Patkull.

PATKULL – E concluirei, dizendo: vosso amante é um homem grande e generoso. – Podeis ser orgulhosa de ter um amante assim.

PAIKEL – E quem te disse que eu a amava?

PATKULL – Por que me aferrolhastes numa prisão? Por que me mandastes talvez me aparelhar um cadafalso?

PAIKEL – Patkull, quando instei contigo para que aceitasses este maldito emprego – por minha alma que não havia uma sombra de risco ou de perigo. – Eu dei-te a minha palavra, e serás salvo.

PATKULL – Obrigado.

PAIKEL – Não há tempo para nos mostrarmos arrenegados. – Patkull, dentro de algumas horas já a tua evasão será impossível. Troquemos trajes – tu serás o moço do carcereiro – e eu serei o preso.

PATKULL – Não – vale mais que eu fique.

PAIKEL – Patkull – salva-te – salva-te, porque o podes fazer por amor de ti, senão por amor de mim – salva-te por Deus. – Oh! Tu não sabes como eternamente me pesaria sobre o coração a lembrança de que fui eu o que a meu amigo matei de morte afrontosa e de tormentos.

PATKULL – Estranha compaixão!! E não sabias tu que eu a amava – Paikel?

PAIKEL – Por Deus – não nos demoraremos com vagares imprudentes Patkull – fui culpado – fui criminoso – fui vil – fui infame – fui mau amigo – o que tu quiseres. – Mas salva-te por amor dela – Patkull – e por amor de mim mesmo. – Não me acreditarias agora por mais que to eu dissesse. – Mas salva-te – salva-te por amor dessa nossa amizade tão antiga – tão extrema – tão sincera – salva-te – Patkull – e um dia terás piedade do teu pobre amigo que comprou bem caro o extravio de um momento – salva-te.

PATKULL – Por que me não deixas acabar em paz!

PAIKEL – Patkull – por que és tu tão severo? Meu amigo. Oh! Deixa-me chamar-te por este nome tão suave, que tantas vezes me deu alívio e prazer! – Meu amigo, se soubesses quanto tenho sofrido para chegar até tua presença... Dormi ao frio e ao relento sobre a terra – com a cabeça sobre uma pedra defronte deste castelo – a pensar no meio de salvar-te – via lá de fora a tua sombra que me intercortava a luz de espaço a espaço e eu chorava por ti – e só por ti – meu amigo – Oh! Por Deus te peço – foge e deixa-me aqui sozinho – deixa-me – mas salva-te.

PATKULL – E eles te matarão!

PAIKEL – Oh! Que me importa a morte? Morrer, Patkull, morrer por ti, era a ventura derradeira que me seria dado desfrutar sobre a terra. – Nada tenho, nada me resta – não – nada – nem quem vá orar sobre minha sepultura – nem que possa sentir escurecida a vista com lágrimas, vendo pender do infame cadafalso os restos do infeliz Paikel. – Oh! Dá-me este prazer, Patkull – bem sei que não to mereço – que nada te posso pedir. – Porém tu podes ainda contar com o amor, com a glória, com a fortuna.

PATKULL – Crês tu?

PAIKEL – Morra quem já não sente uma esperança, para quem morreu a vida e coração – para quem nada mais sente do que o infortúnio.

PATKULL – Ficarei, Paikel.

PAIKEL – Barbaramente me punes, Patkull – foge – foge, meu amigo – eu to suplico de joelhos, e com lágrimas pelo que mais veneras neste mundo – pelo que tens no outro de esperanças – de amor.

PATKULL – Não – Paikel, – para que viver – estou cansado de lutar, cansado de sofrer – cansado de quanto me sorria. – Deixa-me pois – Levanta-te, Paikel – quem sabe se não há uma força no mundo – que impele os homens para um fim – forçosamente – irresistivelmente – Cumpriu-se o nosso fado. – Não tens culpa, talvez foste instrumento e não causa do que me está preparado – seja como for – bem vês que não te culpo – não te crimino – nada te peço – porém vai-te e sê feliz – se o puderes.

PAIKEL – Então morrerei contigo.

PATKULL – Para quê? – Que importa um nada depois da vida: que morramos sós – ou acompanhados de mil homens? (*Ouvem se estrépitos de soldados*)

PAIKEL – Foge, Patkull, enquanto é tempo, foge. – Daqui a nada seria inútil o arrependimento – serão inúteis queixas, rogos, prantos. – Foge. – Tu amas, Patkull – tu és amado ardentemente – como só tu merecias sê-lo. – Foge ao menos por amor dela – e nem terás que temer um rival que, antes de muito pouco, já não existirá. – Foge por Deus. Já sinto o rumor dos soldados que se aproximam – os soldados de Carlos XII – do teu inimigo, do matador de teu pai – de tua família, que daria sua coroa para te haver às mãos. (*Entra Bertha – coberta de preto – a porta fica aberta e ele continua*) Vive ao menos para tua vingança.

## CENA V

### *Os mesmos e BERTHA*

BERTHA (*À parte*) – Bem me compreendem.

PATKULL – Meu pai! (*Continua*) Por muito tempo me tenho esquecido do muito que os vi sofrer – vamos, Paikel, vingarei meu pai que morreu num cadafalso – minha mãe que morreu de miséria num calabouço imundo. (*Agarra na mão de Paikel – com força e vai a voltar-se*) Fugamos.

BERTHA – Ainda não, Senhor!

PATKULL – Meu Deus. (*Aparecem os soldados à porta. Ela descobre-se e aponta para Paikel*)

BERTHA – Bem vedes que é um traidor, predei-o!

(*Cai o pano*)

## ATO QUINTO

### PERSONAGENS

PATKULL  
NAMRY  
UM PADRE  
SOLDADOS

## ATO QUINTO

*O mesmo cárcere – e mesmo arranjo de cena.*

### CENA I

PATKULL – Meu pobre coração?! Eu, mesmo eu, te desconheço – o que viste tão coitado não são lágrimas – é fel é sangue! – Meus amores tão lindos, que são deles?! Que é da amizade tão grande que encerravas?! De tão nobre sentir o que te resta, meu pobre coração?! Eu amava!! Amava o meu amigo, a minha amante – e ele vendeu-me – e ela, meu Deus – e ela?! Era dela meu sangue, meu coração – minha alma – era dela o pensamento – o prazer – a tristeza – tudo – só por ela vivia – só por ela e para ela. – Que lhes fiz eu?! Paikel?! Quê de vezes me chamaste teu amigo – mentias tu então?! Por que me traíste, meu Paikel – por quê? Que se me dessem um reino – e agora mesmo, se me dessem a liberdade – se alguém no mundo me pudesse dar o engano de outros tempos – a ilusão e brilhantismo do primeiro amor... para que te eu traísse – talvez – talvez que o não fizera – e tu?! Mas eu me calarei sobre ti – pobre amigo que te perdeste e me perdeste contigo. Não inquietarei tua sombra, Paikel. Os homens te mandaram para Deus – morreste. – Não, não serei eu que porei na balança da justiça eterna traição tão feia e má.

Não serei eu – bem que tudo me roubaste – o amor e a vida – o amor que era o meu paraíso – que era meu tesouro – tesouro de avarento – tesouro inesgotável de venturas que ela enfeitava. – E a vida só para a gastar com ela – só com ela – aos pés dela – para a ver sempre com um sorriso nos lábios, ou com lágrimas nos olhos – Namry – bela estrela – farol tão meigo de esperanças – belo anjo de luz – também tu me pudeste trair – Namry! A mim que te amava tanto. Oh! Que só por ti me pesa deixar a vida – que serás tu sem mim? Agora que eu já sinto a morte esvoaçando sobre a minha cabeça – não me pesa deixar a vida – mas pesa-me deixar-te a ti que eras meus amores. – Mas por que choro assim? Não – não saberá ela que a chorei no agonizar da vida – não saberá que talvez de mim se rira orgulhosa! Ela a escarnecer-me – a rir-se sobre o meu sepulcro – a insultar-me no cadafalso – no cavalete, quando me ralo com dores! Que mais me poderás tu fazer!! Dir-me-ás talvez que me não amavas. – Demais o sei! Meu Deus! Meu Deus! *(Cai sobre a cadeira)*

Por que me esqueci eu de meus pais? Certo que a morte seria então bela, chorada por todo um povo. – E que me importa um povo!!

Loucuras que eu afaguei no entrar da vida – quimeras que se me esvaem no entrar da morte.

Louco o homem neste mundo que diz na sua consciência: eu salvarei tal povo.

Louco o homem que diz: eu tenho um amigo – que é meu sangue – meu corpo. Louco o homem que diz: eu tenho uma amante pura e bela como um anjo – uma mulher que é minha alma – louco porque o povo está embriagado na sua vilania – porque o amigo é falso – porque a mulher é víbora. – Oh! Não ter alguns dias mais para assistir tranqüilo ao espetáculo de tanta baixeza – queria me rir do que se julga um libertador – do que conta com a fé do amigo – e com o amor da amante. – E que mais merecemos nós do que desprezo ou riso – crédulos como somos?

Não – mais vale morrer. Depois de tantas esperanças só nos resta a morte em última recompensa. – Quem me dera morrer – morrer com dores que me façam esquecer o muito do que eu sofro! Morrer, que talvez debaixo da lousa fria de um sepulcro não pulse o coração.

### CENAI

*Abre-se a porta. Aparece um padre.*

O PADRE – Senhor.

PATKULL – Bem-vindo sejas, meu padre.

O PADRE – Como ides?!

PATKULL – Mal – muito mal – porém sinto que serei melhor quando me houverdes falado – porque se para outro podiam ser fatais palavras – serão para mim de contentamento.

O PADRE – Presunções do que vive sempre falham, meu filho, as esperanças mentem, quando se não espera a morte.

PATKULL – Eu a espero, meu padre.

O PADRE – Que esperais?

PATKULL – Sim, meu Padre – espero a morte – espero-a breve – desejo-a como se poderia desejar a vida. – E que Deus me perdoe esta esperança se resume um pecado.

O PADRE – Muito me apraz encontrar-vos neste estado – o que sofre encontra a graça do Senhor que só consola àqueles que o mundo não pode consolar. – Porém se não tendes apego à vida, também a não aborreceis, que o aborrecimento é mau conselheiro – como vós, também sofri, também vaguei no mundo às tontas, e em bem que o conheci – são mil caminhos enganosos, orlados de flores – banhados de perfumes – onde contudo crescem cardos e os espinhos brotam; e a ovelha mansa que se desgarrar do rebanho do Senhor – deixa nos cardos e nos espinhos a maior porção de lã tão alva e fina, e não encontra o pasto que deseja. – Somos todos nós como a ovelha imprudente – e porque não trilhamos a senda da verdade – aborrecemos tudo, bem que de tudo não tenhamos ciência.

Que merece a vida – sonho mais ou menos longo – alegre ou triste – é como o fumo que um leve sopro do vento espalha nos ares.

PATKULL – Como falais bem, meu Padre.

O PADRE – Talvez vos pese deixar a vida pelo que deixais com ela!

Quem não sente o amor da vida? Quem não sente a amizade? – E o amor e a amizade são ouropéis quando não manam do Senhor. Bem felizes aqueles que morrem enganados! – Talvez amastes – mas o que não sabeis é que a humanidade é frágil, e os afetos, movediços como a grimpã do campanário.

PATKULL – Tendes razão.

O PADRE – De tudo vos deveis esquecer, para que o Senhor seja convosco. – Em breve tereis de aparecer na presença de Deus – segundo o crer dos homens. – Trabalhai pois para que a morte vos não encontre desprevenido – porque lhe não podeis dizer pára. – Preparai-vos.

PATKULL – Preparado me achais.

O PADRE – Talvez não tanto como será mister; dir-vos-ei, por que não fraqueieis quando carecerdes de toda a vossa coragem – vossa morte tem de ser horrível.

PATKULL – Como quiserem.

O PADRE – Cheia de ignomínia

PATKULL – Seja.

O PADRE – E de tormentos.

PATKULL – Seja também.

O PADRE – Serão vossos escritos queimados.

PATKULL – Já o foram.

O PADRE – Vosso brasão espedaçado pelo carrasco.

PATKULL – O mais nobre talvez que ele terá espedaçado.

O PADRE – Sereis depois rodado.

PATKULL – Que seja breve.

O PADRE – Não! Querem-vos paciente por muito tempo – ainda em vida tereis a cabeça despedaçada.

PATKULL – Em bem! Que eu já desesperava de morrer.

O PADRE – Sereis depois esquartejado e vossos membros pendurados nos quatro pontos da cidade. – Tal é a sentença de Carlos XII.

PATKULL – Calos XII – Carlos XII. – Oh! Por que me falais nesse homem? Já que tanto me tenho esquecido ao menos me podereis deixar morrer sem ouvir pronunciar o seu nome.

O PADRE – Tal ódio às bordas do sepulcro!!

PATKULL – Meu padre, dizei-me: não é verdade que o filho tem dever de defender a vida do pai?

O PADRE – É um dever recíproco de um para com outro, e do homem para o homem.

PATKULL – Não terá ele direito de vingar sua morte?

O PADRE – Não – que a vingança é do que nega a Providência.

PATKULL – Crede-o vós? Oh! É porque não sabeis como acreditais que ele me perdoará nos céus de o ter esquecido por tanto tempo?

O PADRE – Por que não?

PATKULL – Oh! Sim, por que não? Um pai não se esquece de seu filho – e de mais tenho sofrido para impetrar o seu perdão – sofri muito talvez, porque de tudo me esqueci para me lembrar só da glória e do amor. – Oh! Meu padre, que se a vida é fonte de venturas, não o foi para mim – que só achei tropeços e calamidades. – E hoje, quando me lanço na história do passado – não encontro um quadro feliz em toda a existência – que não tenha o acre do desengano. – Busquei o amor e a glória. – E o amor traiu-me e enegreceu os últimos instantes da vida que a glória me faz perder no cadafalso e na vergonha.

O PADRE – Consolai-vos que o sofrer é dos homens – não se vos dê do passado – melhor para vós se ele foi áspero e terrível, porque o não chorareis no passar da inquietação da vida para o sossego do túmulo.

PATKULL – Não serei eu quem a chore!

O PADRE – Estais preparado?

PATKULL – Já vô-lo disse.

O PADRE – Então – adeus, meu filho.

PATKULL – Adeus, meu Padre.

O PADRE (*Pega-lhe nas mãos*) – Bem me custa separar-me de vós – muito – mas não quis Deus que o homem visse a dor do seu semelhante sem que despontasse em seus olhos uma lágrima de simpatia.

PATKULL (*Abraçando-o*) – Bom padre.

O PADRE – Adeus, meu filho. (*Vai-se*)

### CENA III

PATKULL – Bom padre – como se compadeceu de mim? E se ele soubesse o que encerra este meu peito, se ele o soubesse? Oh! Não derramaria lágrimas – não – porque lágrimas não bastam para o que sofro!! E eu morro sozinho e abandonado na morte, como na vida – Namry!! Sempre este nome; ao menos praza a Deus que dela não me recorde noutra vida. – Oh! Se ainda a pudesse ver uma vez?! Bem sei que foi falsa, que me enganou: não virá, não. – Que lhe importa Patkull que morre, e se alguém chora, certo que não é por mim.

CENA IV  
*PATKULL E NAMRY*

*(PATKULL sentado com as mãos na cabeça. NAMRY entra e vai correndo para ele. PATKULL desperta, encara-a – fica assentado – e ela pára.)*

NAMRY – Sou eu – não me conheces, Patkull – eles me concederam este momento, para que te eu visse antes da tua morte!! Não me conheces?!

PATKULL – Namry *(Abraça-a, beija-a muitas vezes)*, tardaste tanto!

NAMRY – Quis ver se te salvava.

PATKULL – E eles disseram que tu não me amavas – Namry – e eu acreditei-os – sim – tu mo perdoarás – tão boa que tu és – tu te lembraste do pobre homem que morria, Namry – Oh! Bendita sejas tu – e possas ter na hora da tua morte a felicidade que me fazes experimentar – meu anjo.

NAMRY – Por que te não pude eu apreciar de mais tempo?

PATKULL – Tu me amas.

NAMRY – Não mereço o teu amor.

PATKULL – Oh! Dizes bem – não respondas – Namry – não me respondas, que me seria cruel tua resposta: Deixa-me acreditar que vieste aqui por amor e não por piedade. – Deixa-me acreditar que foi mentira o que me disseram de ti – deixa-me acreditar – para que morra consolado.

NAMRY – Por que te matam tão cedo!

PATKULL – Não é cedo, é tarde. – Eu quisera morrer aqui nos teus braços deixando no teu peito meu último suspiro, e gravando na memória o teu nome intercortado, que acabar não poderia.

NAMRY – Por que morres agora – ah! Se pudesses viver – se pudesses viver – Patkull, se o pudesses – então talvez que eu fizesse esquecer a minha ingratidão doutros tempos e o faria; dár-te-ia amor – não como o teu que não pudera – mas alma e coração – eu tos daria e o que fosse em meu poder fazer-te – para te alegrar a vida e o pensamento – eu o faria por gratidão, por amor e por mim mesma, Patkull!

PATKULL – Não vês que eu choro?!

NAMRY – Choras a vida que é tanto para ser chorada – quando como a tua se empregou em obras de merecimento e de virtude.

PATKULL – Não – não choro a vida. – Muitas vezes me vi no campo da batalha – vi a morte pairar sobre mim em nuvens de fumo e de pó, calquei meus companheiros ainda quentes – e não chorei – não choraria a vida – não – mas choro por te deixar – e conheço todavia que o devo fazer porque a minha Namry de hoje talvez que amanhã a não encontre.

NAMRY – Sempre eu – sempre a tua Namry – Patkull. – Tua Namry – desgraçada – que eternamente será viúva sem nunca ter sido esposa. Também me não pesa de ficar só – que te não merecera – mas pesa-me deixar-te, Patkull.

PATKULL – Namry.

NAMRY – Meu Patkull!

PATKULL – Namry – vive feliz e venturosa – que eu morro – morro com saudades tuas – e serei feliz se depois da morte acudirem lembranças do passado por saber que me choravas depois de morto – por ter visto que choravas a minha morte.

NAMRY – Meu bom Patkull.

PATKULL – Namry – olha, eu tenho um pajem – tu o conheces, talvez que há pouco com palavras mal pensadas ofendesse o meu pobre pajem. – Toma-o para te servir – Namry – que é fiel e honrado – muito me amava e é uma dívida que pagarás por

mim. (*NAMRY nos braços dele chora*)

CENA V  
*SOLDADOS e os mesmos*

SOLDADO – Temos ordem de vos levar daqui.

NAMRY – Já! Já! Meu Patkull.

PATKULL – Coragem, Namry!

NAMRY – Oh! Eu teria coragem – mas que ao menos por um momento mais me deixassem contigo.

PATKULL – Tem de ser já.

NAMRY – Oh! Como sois cruel – Patkull! – meu Patkull – meu amigo, tu não me deixarás, não – eu morreria sem ti.

PATKULL – Namry – meu amor! – meu anjo – deixa-me partir. (*Abraçando-a e beijando-a*)

O SOLDADO – Diziam-nos que éreis valente!

PATKULL – Não vos mentiram.

O SOLDADO – E chorais!

PATKULL – São lágrimas nascidas de um coração que ama – nunca as derramei no travado das pelejas, nem ora me oprime – e acabrunha o aspecto da morte!...

O SOLDADO – Apressai-vos. O tempo urge!

PATKULL (*Abraçando Namry*) – Adeus! Namry! (*Arrancando-se dos braços dela*)

NAMRY – Meu Patkull! Ah! (*Cai, Patkull retira-se entre os soldados*)

(*Cai o pano*)